



CRB

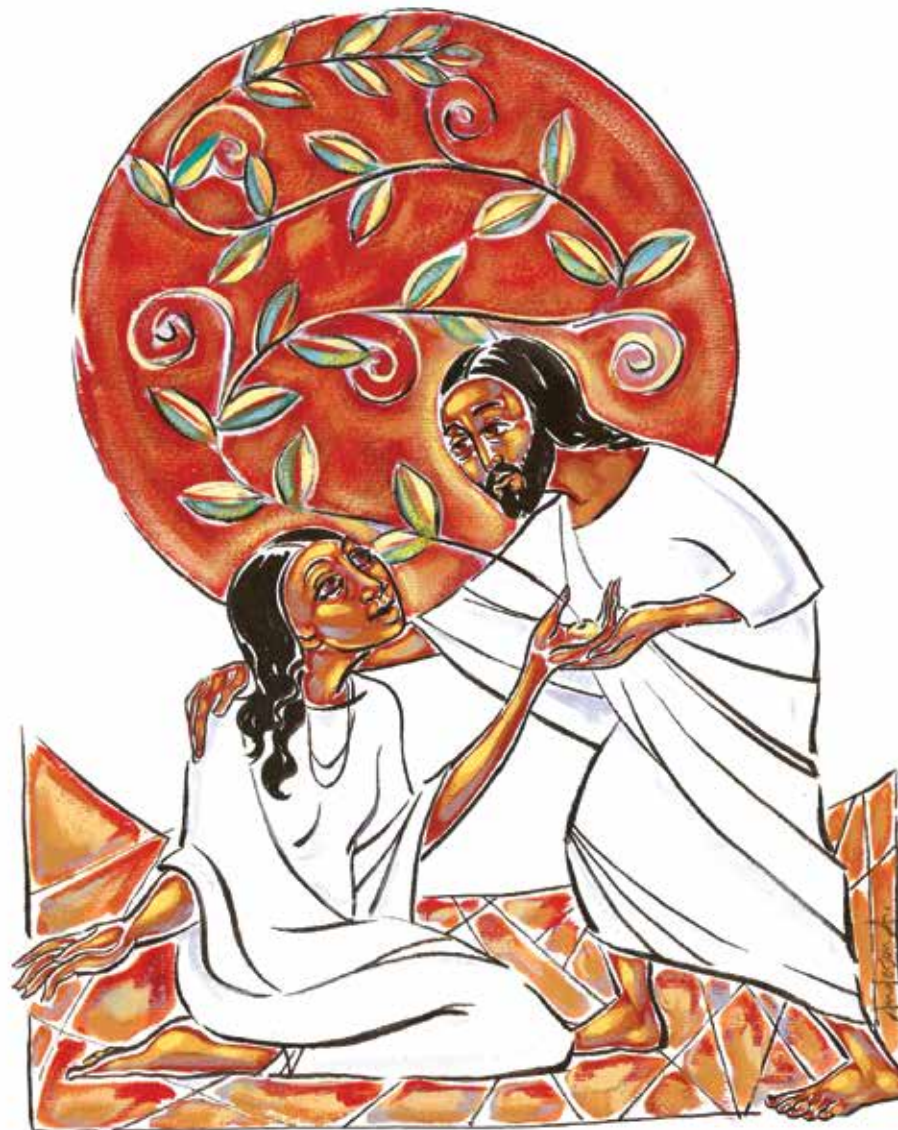
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- VRC e a eclesiologia do Vaticano II
- Identidade, mística e missão
- Da necessidade da leitura na VRC
- Dom José Rodrigues, CSsR, o bispo do sertão

Sumário

Editorial

Profecia, renovação e compromisso 649

Informes

Cardeal Martini, símbolo da Igreja do diálogo..... 653

Os primórdios do serviço pastoral aos pescadores e pescadoras artesanais do Brasil e as contribuições da Vida Religiosa Consagrada 658

Dom José Rodrigues de Sousa, CSsR, o bispo do sertão 664

Mercedários: noventa anos de Brasil – 1922-2012 667

Salve os 110 anos da Congregação da Sagrada Família no Brasil! 670

Arte e Cultura

Da necessidade da leitura na Vida Religiosa Consagrada
Plutarco Almeida..... 674

Artigos

A Vida Religiosa Consagrada e a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Retorno às intuições eclesiológicas do Concílio por ocasião dos cinquenta anos de sua abertura
Paulo César Barros..... 683

Amazônia, uma memória, uma história que invisibiliza a Vida Religiosa
Tea Frigerio 700

Identidade, mística e missão
Mectildes Vilaça Castro 712



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Ana Cecilia Mari

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração:
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade de quem os escreve e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como instituição.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



RENOVAÇÃO DE ASSINATURAS

Querido(a) Irmão(ã), já é hora de renovar
a assinatura da Convergência!

Para 2013, o preço será mantido: **R\$ 89,00**

Modos de fazer a renovação

- 1) Pela internet, acessando no site <crbnacional.org.br> o link Convergência (preencha os dados, imprima o boleto e pague no banco).
- 2) E-mail: solicite o seu boleto enviando os seus dados completos para <convergencia@crbnacional.org.br>.
- 3) Depósito bancário direto: faça o depósito no valor da assinatura no Banco do Brasil, agência 1230-0, c/c 306 934-6. Em seguida, mande o comprovante de pagamento por fax (61) 3225 3409 ou para o nosso e-mail.

Código do assinante

Para evitar confusão com outras casas da mesma Congregação/Instituto que possuem o mesmo CNPJ, no ato da renovação de assinatura é preciso ter em mãos o código do assinante (impresso na etiqueta do envelope da revista). Cada assinante tem o seu código.

ASSINATURAS NOVAS

Pode ser usado qualquer um dos modos indicados acima, mas atenção! É preciso mencionar que se trata de Assinatura nova.

Estimado leitor,
querida leitora,

estamos juntos mais uma vez através das páginas desta nossa revista.

A edição de novembro chega às suas mãos juntamente com um pedido de desculpas pelo atraso na entrega do último número. O motivo foi a greve dos Correios, que atrapalhou a nossa programação. Embora tivéssemos encaminhado as revistas para a agência até antes do prazo de costume, ou seja, no dia 18 de setembro, quando normalmente mandamos por volta do dia 25 de cada mês, o movimento grevista nos surpreendeu. Mas, graças a Deus, parece que agora tudo voltou ao normal (apesar dos atrasos rotineiros da citada empresa estatal).

A *Convergência* começa este mês prestando uma singela homenagem a dois bispos religiosos: o jesuíta italiano Carlo Martini e o redentorista brasileiro José Rodrigues de Sousa, recentemente falecidos. O primeiro foi internacionalmente conhecido como *o bispo do diálogo*, e o segundo como *o bispo do sertão*, em particular do sertão baiano, já que por longos anos pastoreou o Povo de Deus na Diocese de Juazeiro-BA. O jornal *Corriere della Sera* publicou, no dia 1º de setembro de 2012, a última entrevista do Cardeal Carlo Martini, concedida ao Padre jesuíta Georg Sporschill. Aqui não pretendemos dar uma espécie de notícia requeitada, já que o falecimento desses dois pastores foi bastante divulgado pela imprensa em geral, até mesmo na internet. Queremos,

isto sim, deixar registrada nas páginas da *Convergência* a profunda gratidão da Vida Religiosa para com esses dois homens de Deus que tanto bem fizeram à Igreja e ao mundo. Sem dúvida, foram dois grandes profetas que lançaram no terreno da Igreja e da sociedade aquelas sementes que, se Deus quiser, um dia produzirão frutos de justiça e de paz. A Vida Religiosa Consagrada se orgulha de ter tido em seus quadros o Cardeal Martini e o Bispo Dom José Rodrigues. Eles são para todos(as) nós um exemplo a ser seguido.

A seção “Informes” continua com o belo testemunho das Irmãs Leticia, Neusa Francisca, Cristiane Martins, Gilbertânia Ferreira e Catarina Faveri. As Irmãs fazem um relato sobre “Os primórdios do serviço pastoral aos pescadores e pescadoras artesanais do Brasil e as contribuições da Vida Religiosa Consagrada”. O trabalho pastoral com pescadores e pescadoras artesanais do rio São Francisco, o *velho Chico*, é um grande desafio, uma verdadeira missão de fronteira, algo tão próprio da nossa vocação. Oxalá outras Congregações e Institutos se animem, criem mais coragem e se decidam por engajamentos em missões como esta. Estamos, de fato, precisando!

“Mercedários: noventa anos de Brasil – 1922-2012” é o título do último informe da revista de novembro. A Ordem de Nossa Senhora das Mercês celebrou os noventa anos de sua presença em terras brasileiras, de 17 a 19 de agosto deste ano, na cidade de São Raimundo Nonato-PI, primeiro campo de sua atuação. É junto às populações mais empobrecidas que estes bravos Religiosos desenvolvem a sua missão ainda nos dias de hoje. Com alegria saudamos, portanto, o jubileu desta Ordem tão querida pelo povo brasileiro.

Nesta mesma edição a seção “Arte & Cultura” traz várias indicações de livros que podem ser lidos neste momento por Religiosos(as) que queiram se inteirar acerca do pensamento atual em áreas como sociologia, economia, tecnologia e outras. Mas antes de elencar as sugestões fizemos uma pequena introdução discorrendo sobre a necessidade da leitura na Vida Religiosa Consagrada. É com muito pesar que às vezes a gente percebe, ao menos em boa parte das nossas

Comunidades Religiosas (e não estamos falando apenas das casas de formação...), um certo desinteresse pela leitura.

O nosso bloco de artigos se inicia com o bellissimo texto de Paulo César Barros, jovem teólogo da Companhia de Jesus e professor em Belo Horizonte, que leva o título de “A Vida Religiosa Consagrada e a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Retorno às intuições eclesiológicas do Concílio por ocasião dos cinquenta anos de sua abertura”. O autor traça como objetivo, sobretudo, “contribuir na compreensão da VRC como realidade inserida no grande e abrangente projeto de *aggiornamento* da Igreja proposto pelo Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II [...]”.

Conforme prometemos, a *Convergência* está trazendo em cada edição uma ou mais reflexões sobre o Vaticano II e suas repercussões atuais na Vida Religiosa. Isto nos faz pensar que o Concílio não perdeu de todo a sua validade, nem para a Igreja nem muito menos para a Vida Religiosa Consagrada.

Outro interessante tema presente na edição que agora está em suas mãos, prezado(a) leitor(a), é a questão do reconhecimento histórico da presença da Vida Religiosa na região amazônica. “Amazônia, uma memória, uma história que invisibiliza a Vida Religiosa”, é a reflexão que nos propõe agora a Irmã Tea Frigerio, Religiosa Missionária de Maria Xaveriana. Relembrando os quarenta anos do *Documento de São Paulo*, marco importante na caminhada da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada na Amazônia, a autora chama a atenção para o fato de que,

se a Vida Religiosa masculina se invisibiliza por serem mais reconhecidos como padres (clero) do que religiosos, ao entrar de cheio na estrutura eclesiástica, na administração das paróquias e na sacramentalização o caráter profético da Vida Religiosa ca como que em segundo plano, ou até se perde. Nesse olhar global a generalização é quase natural. [...]

[...] quando o olhar se desloca para Vida Religiosa feminina a invisibilidade é quase que total.

Irmã Tea conclui a sua reflexão dizendo que este nosso tempo “é tempo oportuno que nos convida, como Igreja e Vida Religiosa na Amazônia, a rever o caminho feito e perceber onde desviamos. É tempo oferecido para recriar a fidelidade a Jesus de Nazaré e com ele recriar a fidelidade ao povo sofrido e à *oikos-c* ~~oikos-c~~ comum tão agredida”.

Finalizamos a seção com o artigo da Irmã Mectildes Vilaca Castro, Religiosa da Ordem de São Bento, abadessa emérita do Mosteiro de Nossa Senhora do Monte, Olinda-PE, do qual foi fundadora (1963). “Identidade, mística e missão” é a versão escrita da exposição oral que ela fez durante o Encontro de Vida Monástica e Contemplativa realizado pela CRB, em Aparecida-SP, no último mês de julho.

E assim apresentamos um resumo do que você, amigo(a) leitor(a) irá encontrar na *Convergência* deste mês de novembro. Aqui temos testemunhos vibrantes, provocações atualíssimas, interrogações profundas, coisas que nos interessam de perto, coisas que dizem respeito à nossa vida enquanto Religiosos(as) desejosos(as) de continuar servindo e testemunhando os valores do Reino, sempre com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3).

Com fé em Deus, estas páginas haverão de servir ao crescimento da Vida Religiosa. Mas para que isso aconteça realmente é preciso que cada um(a) esteja aberto(a) ao que o Espírito Santo poderá falar através dos escritos da nossa revista. Deixar-se questionar e tentar sair do comodismo é fundamental!

Por fim, uma chamada de atenção e um convite para as Comunidades Religiosas que assinam todos os anos a nossa revista:

Está na hora de renovar a sua assinatura! Não sabe como fazer? Então, acesse a página <crbnacional.org.br>, ou envie um e-mail para <convergencia@crbnacional.org.br>.

A Paz de Cristo Jesus e o amor de Maria estejam sempre com você e sua Comunidade!

Grande abraço, meu irmão e minha irmã!

Padre Plutarco Almeida, sj

Cardeal Martini, símbolo da Igreja do diálogo

653

INFORMES

O cardeal jesuíta de 85 anos de idade faleceu no dia 31 de agosto passado, em consequência do mal de Parkinson, de que padecia desde 1996.

Ele foi, durante mais de vinte anos, arcebispo de Milão, na Itália – a maior diocese da Europa e uma das mais extensas do mundo –, e, durante sete anos, presidente do Conselho das Conferências Episcopais Europeias. No dia 2 de fevereiro de 1983 foi nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II. Martini foi agraciado no ano 2000 com o *Prêmio Príncipe de Astúria de Ciências e Sociologia*.

Foi também reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana e do Instituto Bíblico de Roma. Era um grande pregador dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Representava um dos frutos mais signficativos do Concílio Vaticano II, pois acreditava na renovação da Igreja em autêntica fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo, sem nenhum compromisso com o poder.

Martini era um bispo que sabia dialogar com os leigos. Suas palavras eram simples e ao mesmo tempo severas, compreensíveis, porém profundas, preocupadas com as situações e os problemas do mundo atual.

Como arcebispo de Milão, fundou a *Escola para* aproximar mais os leigos das Sagradas Escrituras utilizando o método da *lectio divina* (leitura orante da Bíblia). Outra de suas iniciativas foi a criação, em Milão, da *Cátedra dos não crentes* para encontrar e abrir o diálogo com todas as pessoas que estivessem dispostas a buscar a verdade. Desde a

sede milanesa, Carlo Maria Martini potencializou o diálogo entre ateus e crentes, e entre distintas religiões, e foi um viajante e missionário incansável. Ele considerava o diálogo simplesmente imprescindível numa Igreja que estivesse disposta a abrir-se ao mundo.

Após o falecimento de Martini, o Papa Bento XVI recordou com gratidão *su intentus et copiosus obversus apostolicus como zeloso filho spiritu sancto Inácio de Loyola. Eminente professor. Autorizatus biblius. Diligente et sapiens episcopus diocesis Ambrosiana.*

A imprensa italiana destacou a figura do cardeal como o símbolo da Igreja do diálogo e como um príncipe de fé e dos grandes ideais (Corriere della Sera), enquanto o jornal L'Espresso se refere a ele como o homem que renunciou à sede papal.

Entrevista

O jornal italiano Corriere della Sera publicou, no dia 1º de setembro de 2012, a última entrevista do Cardeal Carlo Martini, concedida ao Padre jesuíta Georg Sporschill. Na conversa, gravada em agosto, o religioso disse que a Igreja Católica está com mais de duzentos anos.

Destaque entre os católicos progressistas, o Cardeal Martini defende nessa entrevista um posicionamento mais liberal da Igreja Católica, pois, segundo ele, só assim a instituição irá se aproximar novamente das pessoas. Entre as medidas pregadas por Martini para conter o afastamento dos fiéis estão o reconhecimento dos erros do passado e a implantação de mudanças radicais na instituição, começando pelo próprio papa.

Corriere della Sera - Como o senhor vê o futuro da Igreja?

Cardeal Martini - A Igreja na Europa está cansada do bem-estar e na América também está vivendo uma crise. A nossa cultura envelheceu, as nossas igrejas são grandes, as nossas casas religiosas estão vazias, e o aparato burocrático da Igreja Católica aumenta, os nossos ritos e os nossos hábitos são

ainda pomposos. Essas coisas expressam o que nós somos hoje? [...]

O bem-estar pesa. Nós nos encontramos como o jovem rico que, triste, foi embora quando Jesus o chamou para fazer com que ele se tornasse seu discípulo. Eu sei que não podemos deixar tudo com facilidade. Menos ainda, porém, poderemos buscar pessoas que sejam livres e mais próximas do próximo, como foram o Bispo Romero e os mártires jesuítas de El Salvador. Onde estão entre nós os nossos heróis para nos inspirar? Por nenhuma razão devemos limitá-los com os vínculos da instituição.

Corriere dell' – Ser – Quem pode jrd r' – Igrej – Hoje?

C rde tM rini – O Padre Karl Rahner usava de bom grado a imagem das brasas que se escondem sob as cinzas. Eu vejo na Igreja de hoje tantas cinzas sobre as brasas que muitas vezes me assola uma sensação de impotência. Como, então, livrar as brasas das cinzas de modo a revigorar a verdadeira chama do amor? Em primeiro lugar, devemos procurar essas brasas. Onde estão as pessoas individuais cheias de generosidade como o bom samaritano? Onde estão as pessoas que têm fé como o centurião romano? Quem são os entusiastas como João Batista? Quem são os que ainda ousam o novo como o apóstolo Paulo? Onde foram parar os éis como Maria Madalena? Eu aconselho o papa e os bispos a procurarem doze pessoas fora da linha para os postos de direção. Pessoas que estejam perto dos pobres e que estejam cercadas por jovens e que experimentam coisas novas. Precisamos do confronto com pessoas que ardem, de modo que o Espírito pode se difundir por toda parte.

Corriere dell' – Ser – Que função tem o diálogo n – Igrej – Hoje?

C rde tM rini – Sim, o diálogo é muito importante. Eu falo, evidentemente, sobretudo com relação aos não crentes, que, apesar de não crerem, são pessoas que pensam, re etem, têm um profundo sentido de responsabilidade e uma consciência dos valores mais altos. Como cristão, eu sempre aprendo muito ao dialogar com essas pessoas. Creio que se trata, portanto, de continuar dialogando para

conhecer os desejos profundos do ser humano e assim poder ajudar humildemente cada um a encontrar sua plena autenticidade.

Corriere dell' "Ser" – Que instrumentos o senhor aconselha contra o pecado da Igreja?

C. Martini – Eu aconselho três instrumentos muito fortes. O primeiro é a conversão: a Igreja deve reconhecer os próprios erros e deve percorrer um caminho radical de mudança, começando pelo papa e pelos bispos. Os escândalos da pedofilia nos levam a tomar um caminho de conversão. As questões sobre a sexualidade e sobre todos os temas que envolvem o corpo são um exemplo disso. Esses são importantes para todos e, às vezes, talvez, são até importantes demais. Devemos nos perguntar se as pessoas ainda ouvem os conselhos da Igreja em matéria sexual. A Igreja ainda é uma autoridade de referência nesse campo ou somente uma caricatura na mídia?

O segundo é a Palavra de Deus. O Concílio Vaticano II restituiu a Bíblia aos católicos. [...] Somente quem percebe no seu coração essa Palavra pode fazer parte daqueles que ajudarão a renovação da Igreja e saberão responder às perguntas pessoais com uma escolha justa. A Palavra de Deus é simples e busca como companheiro um coração que escute [...]. Nem o clero nem o Direito eclesial podem substituir a interioridade do ser humano. Todas as regras externas, as leis, os dogmas nos foram dados para esclarecer a voz interior e para o discernimento dos espíritos.

Para quem são os sacramentos? Esses são o terceiro instrumento de cura. Os sacramentos não são uma ferramenta para a disciplina, mas sim uma ajuda para as pessoas nos momentos do caminho e nas fraquezas da vida. Levamos os sacramentos às pessoas que precisam de uma nova força? Eu penso em todos os divorciados e nos casais em segunda união, nas famílias ampliadas. Eles precisam de uma proteção especial. A Igreja sustenta a indissolubilidade do matrimônio. É uma graça quando um casamento e uma família conseguem isso [...].

A atitude que temos com relação às famílias ampliadas irá determinar a aproximação à Igreja da geração dos filhos. Uma mulher foi abandonada pelo marido e encontra um novo companheiro que cuida dela e dos seus três filhos. O segundo amor prospera. Se essa família for discriminada, não só a mãe é cortada fora, mas também os seus filhos. Se os pais se sentem fora da Igreja, ou não sentem o seu apoio, a Igreja perderá a geração futura. Antes da Comunhão, nós rezamos: *Senhor, eu não sou digno...* Nós sabemos que não somos dignos [...]. O amor é graça. O amor é um dom. A questão sobre se os divorciados podem comungar deve ser invertida. Como a Igreja pode ajudar com a força dos sacramentos aqueles que têm situações familiares complexas?

Corriere dell'Espresso – O que o senhor faz pela pessoa diferente?

Crônica da Manhã – A Igreja ficou duzentos anos para trás. Como é possível que ela não se sacuda? Temos medo? Medo ao invés de coragem? No entanto, a fé é o fundamento da Igreja. A fé, a confiança, a coragem. Eu estou velho e doente e dependo da ajuda dos outros. As pessoas boas ao meu redor me fazem sentir o amor. Esse amor é mais forte do que o sentimento de desconforto que às vezes eu percebo com relação à Igreja na Europa. Só o amor vence o cansaço. Deus é Amor.

Mas agora eu gostaria de fazer uma pergunta a cada pessoa que lê estas minhas palavras: o que você pode fazer pela Igreja?

Fonte: <www.domtotal.com/noticias>

Os primórdios do serviço pastoral aos pescadores e pescadoras artesanais do Brasil e as contribuições da Vida Religiosa Consagrada

LETÍCIA APARECIDA ROCHA, NEUSA FRANCISCA NASCIMENTO, CRISTIANE MARTINS BARROS, GILBETÂNIA FERREIRA DE ANDRADE E CATARINA FAVERI*

No cenário opressivo da ditadura militar brasileira, diante da situação de invisibilidade da categoria de pescadores e pescadoras artesanais, o Deus da vida, atuante na história da humanidade, conta com homens e mulheres dispostos a contribuírem com a construção de processos de libertação do povo oprimido. “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso desci para libertá-lo [...]” (cf. Ex 3,7-8).

Em pleno regime militar, dois religiosos, Frei Alfredo¹ e Irmã Nilza² sentem-se chamados a dedicar suas vidas a uma classe esquecida e totalmente excluída: os pescadores e pescadoras artesanais de Olinda-PE. A fidelidade ao Reino de Deus no aqui e agora e a sua sensibilidade evangélica os desafiaram a um serviço pastoral voltado para essa classe.

Frei Alfredo foi morar no Convento Franciscano em Olinda no ano de 1967, quando veio para auxiliar na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima em Bairro Novo. Visitando as praias de Rio Doce e Carmo, percebeu o grande número de pescadores que viviam em condições bastante precárias e não recebiam qualquer tipo de atendimento por parte da Igreja. Posteriormente, em 1968, iniciou um trabalho direto com um grupo de pescadores na praia do Carmo. O primeiro resultado da organização desses pescadores foi a fabricação, em mutirão, de dez jangadas.

Irmã Nilza, em 1969, morava na comunidade pesqueira de Pitimbu-PB, onde teve os primeiros contatos com o mundo da pesca.

* **Ir. Letícia Aparecida Rocha** (org.) e **Ir. Neusa Francisca Nascimento** são Irmãs da Divina Providência.

Ir. Cristiane Martins Barros e **Ir. Gilbetânia Ferreira de Andrade** são Irmãs Franciscanas Bernardinas.

Ir. Catarina Faveri pertence à Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas.

1. Frei Alfredo Schnuettgen, da Ordem dos Frades Menores (OFM).

2. Irmã Maria Nilza de Miranda Montenegro, da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia.

Após três anos, as Irmãs Nilza, Arlinda, e Carminha foram transferidas para a comunidade de Itapissuma, onde, em 1975, iniciaram trabalho com as pescadoras. As Irmãs Arlinda e Carminha, logo depois, assumiram outras atividades dentro da Congregação e saíram da comunidade. Irmã Nilza permaneceu em Itapissuma até 1992, quando a Congregação fechou a casa na comunidade.

Em 1970, Frei Alfredo e Irmã Nilza tiveram uma primeira conversa conjunta sobre a realidade de vida dos pescadores. E aos poucos foi se concretizando a ideia de criar uma pastoral voltada especificamente para a realidade dos pescadores.

(Antônio Severino, agente pastoral do CPP/Pernambuco)

Em 1976, com apoio de Dom Helder Câmara, o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) foi reconhecido em nível nacional pela CNBB, tendo como coordenador e animador o Frei Alfredo. O Conselho Pastoral dos Pescadores se expandiu para outros estados do Nordeste e outras regiões do País.

O CPP tem como missão “anunciar aos pescadores e às pescadoras a força libertadora do evangelho revelado aos pobres e através dele promover a transformação das estruturas geradoras de injustiça, tornando-os agentes de sua história e construtores de uma nova sociedade”.³

Atualmente, o Conselho Pastoral dos Pescadores é uma pastoral social ligada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade Solidária, Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, constituído por agentes pastorais, leigos, religiosos e padres comprometidos com o serviço junto aos pescadores e pescadoras artesanais na construção de uma sociedade justa e solidária. E está organizado no País em quatro regionais: Bahia, Norte, Nordeste e Ceará. O serviço pastoral é norteador por três eixos: meio ambiente, direitos e organização.

Contribuições da Vida Religiosa Consagrada no momento atual

Tanto nos quatro regionais como em outros rincões de nosso País onde o CPP ainda não se estruturou, muitas(os)

3. Disponível em:
<www.cppnac.org.br>.

religiosas(os) contribuem junto aos homens e mulheres das águas, tecem sonhos por um território garantido e preservado para as gerações futuras.

O Padre Antônio Pagola,⁴ a partir do texto bíblico “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (cf. Mt 22,21), lembra-nos que a dignidade humana do pobre pertence a Deus, por isso temos a responsabilidade de ajudar a Deus no resgate da dignidade de seus filhos e filhas vítimas de sistemas opressores! O envolvimento dos(as) consagrados(as) na luta pela organização e efetivação dos direitos das comunidades pesqueiras tem essa dimensão.

É a força da multiplicidade de carismas pessoais e congregacionais agindo em redes/parcerias. É a fidelidade evangélica da Vida Religiosa Consagrada, comprometida com a Ação do Deus da Vida, no tempo presente, que quer contar com a Vida Religiosa Consagrada para fazer algo parecido com o que “as mulheres fazem ao produzir o pão: introduzir no mundo uma força transformadora!”⁵

Visualizando parte da multiplicidade de carismas no serviço pastoral aos pescadores e pescadoras artesanais na atualidade

Irmãs da Divina Providência

Nas barrancas do rio São Francisco no norte de Minas, junto ao povo do rio (pescadores, vazanteiros, quilombolas, indígenas, sem-terra, atingidos por barragens etc.), a gente sonha e dá passos concretos rumo ao desejo de ver um *São Francisco Vivo: Terra, Água, Rio e Povo! Revitalizar a vida do rio passa obrigatoriamente pela revitalização da vida do seu povo! Como Irmãs da Divina Providência nessa realidade, vemos os pescadores e pescadoras artesanais como categoria mais carente de assessoria em sua organização, e a que mais sente na pele as consequências de um rio degradado.*

A fé e confiança na Divina Providência, força impulsional, nos sentimos interpelados pelo grito de nossos irmãos e irmãs feridos em sua dignidade, bem como de toda a criação. Por isso, diante da

4. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: uma aproximação histórica de Jesus*. Trad. de Gentil Avelino Tilton. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

5. *Ibid.*

diversidade dos povos da bacia do rio São Francisco, a gente sente a convocação a prestar esse serviço junto aos homens e mulheres do rio!

Irmãs Catequistas Franciscanas

“Irmãs Catequistas Franciscanas, *sej* *m* irmãs do povo”, foi o imperativo que Frei Policarpo, nosso fundador, juntamente com as três primeiras Irmãs, procuraram cultivar desde o surgimento de nossa Congregação. Dentre o povo em geral, nossa opção está voltada especialmente para os excluídos. Na simplicidade, disponibilidade e alegria, procuramos exercer nossa diaconia: *Educ ção e C riquesa*, hoje atualizada na *Form ção p r e p Cid d m*. Diante dessa escolha é que nós, Irmãs Catequistas Franciscanas, nos colocamos também junto aos pescadores, construindo e fazendo história. Desde meados da década de 1980, na Barra de Santo Antônio, em Alagoas, na missão junto aos povos ribeirinhos, buscando a evangelização integrada na união da fé com a vida. Atualmente, no Espírito Santo, na defesa do meio ambiente, contra os grandes projetos que destroem a vida dos pescadores. Em Santa Catarina, na conquista dos direitos e buscando alternativas de sobrevivência junto aos pescadores do mar e das lagoas. Essa presença nos leva a perceber as *sementes do Reino* desabrochando e crescendo...

Irmãs Franciscanas Bernardinas

Como seguidoras de Jesus Cristo, nas pegadas de Francisco e Clara de Assis, temos a missão de lutar com e em favor dos empobrecidos, defendendo a vida onde ela se encontra mais ameaçada. Por isso é que, em 2005, quando o Senhor nos enviou a continuar sua missão em Barra de Sirinhaém, litoral Sul de Pernambuco, acolhemos o desa o de abrir essa nova fraternidade. Sem levar uma proposta pronta, o primeiro grupo de Irmãs iniciou seu trabalho na Barra visitando sistematicamente as famílias e escutando atentamente seus clamores. Logo perceberam a situação de exploração sofrida pelos trabalhadores no cultivo da cana-de-açúcar. Contudo, outra classe de trabalhadores encontrava-se ainda

mais abandonada: os mais de setecentos pescadores e pescadoras artesanais que tiram seu sustento do mar e dos mangues. Sensíveis a essa realidade, as Irmãs foram tendo maior clareza de sua missão de lutar pela organização e valorização dessa classe, ignorada e combatida pelo projeto de desenvolvimento proposto pelos grandes empresários da pesca. Fiéis ao carisma e em nome de Jesus, continuamos, ainda hoje, *busc n̄do justiça, p̄ z̄e reconcili ç̄do, c̄ minh n̄do, junto c̄ pesc d̄ores e pesc d̄or s̄, como irmãs e serv s̄de todos*. E aqui sentimos que doar a vida signi ca assumir uma atitude de entrega e minoridade, aprendendo com as mulheres e homens da pesca a confiar inteiramente na Divina Providência quando tudo parece impossível e os ventos são contrários.

Campanha do Território Pesqueiro. Fortalecer identidade para cuidar da vida

Fortalecer a identidade e garantir o território pesqueiro é uma forma de buscar a preservação e o cuidado dos bens da criação. Milenarmente, as comunidades tradicionais souberam conviver com as dádivas de Deus, pois sua lógica não é a mesma depredadora do capitalismo que adéqua as pessoas e a natureza ao fator econômico!

As conquistas do povo se dão em mutirão! Por isso, os(as) pescadores(as) dos rios e das águas do mar brasileiro estão em campanha pela construção de um instrumento jurídico que regulamente os direitos territoriais das comunidades pesqueiras tradicionais, através da lei de iniciativa popular! Para isso, será necessária a coleta de assinatura de um por cento do eleitorado brasileiro, que corresponde a um milhão e trezentos e oitenta e cinco mil assinaturas!

Fica o convite para a Vida Religiosa Consagrada somar forças nesse mutirão! Empenhar nessa campanha a força da multiplicidade de nossos carismas presentes nos rincões do País! De acordo com o site da CRB Nacional, somos 32.225 religiosas e religiosos ligados. Se cada um(a) de nós assinar (mesmo considerando os problemas de saúde que impedem alguns de assinar), serão, certamente, trinta mil assinaturas

ou mais. Nós, religiosos(as) que estamos na ativa, com certeza, temos mais que dezessete pessoas no círculo de nossas relações. Portanto, se cada um(a) de nós preencher um formulário que contém espaço para dezessete assinaturas, isso multiplicado por trinta mil já somará 510 mil assinaturas. Significa que só nós, religiosos(as), já conseguiremos quase a metade do número das assinaturas exigidas para garantir a lei do território pesqueiro, tão importante para a biodiversidade, cultura e soberania alimentar do povo brasileiro. E, se ousarmos mais, se cada um(a) de nós, religiosos(as), pegar duas folhas, chegaremos a mais de um milhão! Seria a diversidade de nossos carismas presente em todo o Brasil somando forças para cuidar da vida!

A proposta está lançada! Em meio aos grandes desafios do mundo, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os olhos fixos em Jesus (Hb 12,1-3). Movidos(as) pelo Espírito, reavivemos “a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos [...]”.⁶

Para manter contato conosco e obter maiores informações, acesse o blog da campanha: <peloterritoriopesqueiro.blogspot.com>.

Dom José Rodrigues de Sousa, CSsR, o bispo do sertão¹

EDEGARD SILVA JÚNIOR, MS*

Domingo, 9 de setembro de 2012, Dia do Senhor. A Palavra de Deus apresenta a parábola do homem surdo, que falava com dificuldade. Pediram que Jesus lhe impusesse a mão. Diz o texto: “Jesus afastou-se com o homem, para fora da multidão; em seguida, colocou os dedos nos seus ouvidos, cuspiu e com a saliva tocou a língua dele. Olhando para o céu, suspirou e disse: ‘Efatá!’ (que quer dizer: ‘Abre-te’)” (cf. Mc 7,31-37).

O site da CNBB traz a notícia do falecimento de Dom José Rodrigues, Religioso redentorista, bispo emérito de Juazeiro, sertão da Bahia: “Na manhã deste domingo, 9 de setembro, a Igreja do Brasil recebe a notícia do falecimento de Dom José Rodrigues de Sousa, bispo emérito de Juazeiro, aos 86 anos de idade”.

José Rodrigues de Sousa era natural de Paraíba do Sul-RJ, mas viveu a infância e a adolescência em Aparecida-SP. Ingressou no Seminário dos Redentoristas em 1938. Na Congregação Redentorista, atuou como formador, pregador, nas Santas Missões Populares e como Superior vice-provincial, em Goiás. Foi nomeado bispo de Juazeiro-BA em 1974. Durante seu episcopado, acompanhou a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), no Regional Nordeste III da CNBB. Foi, ainda, presidente nacional do Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP). Desde a sua renúncia, em 2003, Dom José vivia no Convento Redentorista de Trindade-GO.

Fico profundamente comovido com a notícia e, em minha cabeça, começo a recordar tantos acontecimentos que vivi na época em que Dom José Rodrigues estava em Juazeiro.

1. Texto adaptado com base na crônica do Padre Edegard Silva Júnior.

* Presidente da CRB Regional Salvador (10 de setembro de 2012).

Juazeiro, Senhor do Bonfim e Ruy Barbosa, no Regional Nordeste III, formavam um sub-regional, tendo à frente Dom José Rodrigues, em Juazeiro (†09.09.2012); Dom Mathias William Schmidt, em Ruy Barbosa (†1992); e Dom Jairo Matos, em Senhor do Bonfim (†2006). Esse *trio* revolucionou aquela região do sertão. Muitas atividades eram realizadas em conjunto: escola de teologia para leigos(as), cursos e encontros, o fortalecimento das pastorais sociais e a grande luta que caracterizou o pastoreio de Dom José Rodrigues: a denúncia e o profetismo por ocasião da construção da hidrelétrica de Sobradinho. A hidrelétrica de Sobradinho (1979), construída no rio São Francisco, tem cerca de 320 km de extensão, com uma superfície de espelho d'água de 4.214 km² e uma capacidade de armazenamento de 34,1 bilhões de metros cúbicos em sua cota nominal de 392,50 m, constituindo-se o terceiro maior lago artificial do mundo. Com o apoio de Dom José Rodrigues, a Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Pastoral dos Pescadores tiveram uma atuação fundamental na denúncia das consequências da construção dessa hidrelétrica.

Tive a oportunidade de conviver vários momentos com Dom José Rodrigues: nas assessorias que realizei nesta diocese; no I Encontro de CEBs do Nordeste, que aconteceu também em Juazeiro; nos Encontros onde participava. Homem da leitura, sistemático ao escrever (com sua máquina de datilografia ou com sua caligrafia que era uma espécie de marca registrada). De baixa estatura, era um homem de grande simplicidade.

Tem hora que não sei o que fazer para manter algumas relíquias que guardo da Igreja Católica. Entre elas, arquivado com muito carinho os exemplares que Dom José me enviava: era o jornal *Comunidade e Missão* (ainda no tempo do mimeógrafo). Ao chegar esse informativo, corria para ler... Bebia cada notícia como quem tem sede... Viajava com ele... Ficava com uma sensação de dever cumprido, pois Dom José trazia constantemente para a Diocese de Juazeiro os(as) nossos(as) melhores teólogos(as), educadores(as), sociólogos(as)... Um desses

exemplares, por exemplo, trazia o relatório do encontro assessorado por Paulo Freire!

Cada exemplar trazia também a notícia das suas visitas pastorais. A Diocese de Juazeiro é formada por nove municípios: Casa Nova, Campo Alegre de Lourdes, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. A população desses municípios do sertão, uma extensa área bastante empobrecida, é atendida por quatorze paróquias, sendo seis em Juazeiro e oito no interior. Dom José Rodrigues de Sousa foi o segundo bispo e cou à frente da diocese até o dia 30 de agosto de 2005, quando foi sucedido por Dom José Geraldo da Cruz.

Quando recebia o jornal *C minh juntos* lia com muito carinho o relato das suas visitas pastorais. Na verdade, era uma espécie de *diário d t minh t*. Dom José era muito sensível ao relatar a estrada e a estada, a acolhida, a vida do povo mais simples, os detalhes que na verdade faziam toda diferença. Em cada visita pastoral o p *stor*, com carinho e atenção, passava por cada comunidade, conversava com animadores e animadoras, agentes de pastoral, animando a Igreja local a seguir em frente, apesar das dificuldades, das perseguições que sempre aconteciam.

Dom José, o bispo dos pobres, o bispo do sertão, o bispo das Comunidades Eclesiais de Base! Essa diocese (como as duas anteriormente citadas) era, para nós, das outras dioceses, um referencial para o trabalho com as CEBs. Em Juazeiro, na beira do São Francisco, nós buscávamos água na *fonte* – nos livros e nas cartilhas, nos cartazes editados, nos vários encontros de formação de liderança em que pegávamos uma carona.

É, Zé Rodrigues..., que tempo bom! Então, agora vai, meu irmão! Deixa em nossos corações a saudade e a esperança!

O povo do sertão jamais se esquecerá do seu pastor!

Mercedários: noventa anos de Brasil – 1922-2012

667

DEMerval REIS SOARES FILHO, ODeM*

A Ordem de Nossa Senhora das Mercês celebrou os noventa anos de sua presença em terras brasileiras de 17 a 19 de agosto deste ano na cidade de São Raimundo Nonato-PI. Para essa comemoração foram realizadas atividades culturais e religiosas reunindo religiosos, religiosas e leigos Mercedários oriundos das diversas partes do País em que o carisma das Mercês se faz presente.

O evento marcou a chegada da segunda vinda dos Mercedários ao Brasil, em 1922, em terras piauienses, por isso a escolha da cidade de São Raimundo Nonato, que em 2012 completa cem anos de história e foi o lugar de abrigo para os primeiros missionários Mercedários, que, após uma grande lacuna histórica de 57 anos, retornaram ao Brasil. A casa-mãe, portanto, nesses dias de festa, acolheu toda a Família Mercedária, dando graças ao Bom Deus e à Virgem das Mercês, num clima de muita alegria, esperança e gratidão.

Um pouco de história

A saga dos Mercedários no Brasil divide-se em dois momentos distintos. O primeiro data do século XVII, com a chegada dos Mercedários oriundos de Quito, no Equador (1639), que, descendo pelo rio Amazonas, estabeleceram, no Norte e Nordeste do País, grandes missões, edificando capelas e igrejas, deixando, assim, a sua marca, a exemplo dos conventos de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão. Com a política anticlerical do Marquês de Pombal, as Ordens e Congregações religiosas foram extintas

* **Demerval Reis Soares Filho** é membro do Conselho Provincial dos Mercedários no Brasil, bacharel em Comunicação Social, especialista em Aconselhamento Pastoral, Orientação Espiritual e Psicopedagogia. Atualmente, exerce trabalhos pastorais na Arquidiocese de Belo Horizonte, como pároco, na Paróquia de Nossa Senhora das Graças e na Catedral Rede de Comunicação Católica.

no Brasil e todo o seu patrimônio passou para as mãos do Estado (1865).

O segundo momento aconteceu no início do século XX, quando, por desejo do Papa Bento XV, a Ordem das Mercês recebeu o convite missionário de retornar ao Brasil para cuidar da recém-fundada Prelazia de Bom Jesus do Gurgueia, desmembrada da única diocese do Piauí, Teresina. Chegaram a São Raimundo Nonato, no dia 28 de junho de 1922, os religiosos Mercedários Padre Pedro Pascual Miguel e o Padre Francisco Freíria. Com profundo ardor missionário, outros religiosos deram continuidade ao trabalho de evangelização iniciado por aqueles dois intrépidos missionários. Vale registrar, aqui, os nomes de Dom Inocêncio López Santamaría, cuja fama de santidade se espalhou por toda a região; Dom José Vásquez Diaz, que depois viria a ser o primeiro bispo diocesano da Diocese de Bom Jesus do Gurgueia; Dom Abel Alonso Nuñez e Dom Ramón López Carrozas, atualmente o bispo diocesano. Em 1961, a Prelazia de São Raimundo Nonato é desmembrada da de Bom Jesus e, em 1981, torna-se diocese, tendo como primeiro bispo Dom Candido Lorenzo González.

Celebrando os noventa anos

Ao longo desses noventa anos, o carisma das Mercês se espalhou por diversos lugares do País. Atualmente, são onze paróquias nos estados do Piauí, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Distrito Federal. Com o intuito de fomentar ainda mais esse espírito missionário, o atual governo da Província Mercedária do Brasil, na pessoa do provincial, Padre Lisaneos Prates, resolveu promover a peregrinação a São Raimundo Nonato, convocando religiosos, religiosas e leigos Mercedários.

No dia 17 de agosto, as caravanas vindas de todas as partes do País foram acolhidas nas casas das famílias, num clima de muita hospitalidade. No dia seguinte, 18, pela manhã, tivemos a sessão solene de comemoração dos noventa anos, com a presença de autoridades civis e eclesiásticas. Na parte da

tarde, os peregrinos foram convidados a visitar o Museu do Homem Americano. Vale lembrar que em São Raimundo está localizada a Serra da Capivara, um dos mais importantes sítios arqueológicos do continente americano. O dia foi encerrado com uma celebração eucarística, presidida pelo padre provincial das Mercês no Santuário de Nossa Senhora das Mercês, e, logo em seguida, um momento cultural, com apresentações de danças típicas da região. Na missa, os frades William Bruno e Manoel Santos professaram solenemente seus votos de consagração na Ordem das Mercês e, no dia seguinte, receberam das mãos do bispo diocesano de São Raimundo Nonato, Dom João Cardoso, o sacramento da Ordem, no grau do diaconato.

De volta às suas comunidades, os peregrinos levaram consigo a força de um carisma que se misturou com a história da evangelização no sul do Piauí. A celebração dos noventa anos da segunda vinda dos Mercedários ao Brasil insere-se no contexto de preparação para a celebração dos oitocentos anos de presença Mercedária, no mundo: a Ordem foi fundada em 1218 por São Pedro Nolasco, em Barcelona, na Espanha. Aos Mercedários de ontem e de hoje, nossa gratidão pela vida doada a serviço da liberdade, e que a Virgem das Mercês, mãe dos cativos e dos redentores, continue a inspirar homens e mulheres que alegremente estejam dispostos a dar a vida em favor dos cativos de hoje.

Salve os 110 anos da Congregação da Sagrada Família no Brasil! (1902-2012)

IR. FÁTIMA DANTAS, RSF*

No começo do século passado, na França, leis anticlericais fechavam todas as escolas confessionais, de qualquer origem. Muitas Religiosas de várias Congregações eram voluntárias para viajar para outros países a fim de salvar a vocação religiosa, quase sempre voltada para a Educação.

Foi por ocasião de uma viagem a França do Sr. Carlos Alberto de Menezes, um dos fundadores e diretores da Cia. Industrial Pernambucana – Fábrica de Tecidos de Camaragibe e Usina de Açúcar de Goiana, que tudo começou: este fervoroso empresário brasileiro, adepto da Doutrina Social da Igreja, procurava uma Congregação Religiosa que aceitasse assumir a educação dos filhos dos operários. Na França, entrou em contato com a Madre Marie Léocritie, então Superiora-Geral da Congregação da Sagrada Família de Villefranche de Rouergue, fundada por Santa Emília de Rodat, em 1816.

A boa organização do serviço religioso por padres franceses na Cia. Industrial Pernambucana foi um dos motivos que determinara a Superiora-Geral da Sagrada Família a enviar as Irmãs ao Brasil; os padres do Sagrado Coração de Jesus poderão ser contados entre os benfeitores da nova Fundação.

O acordo foi firmado. Então, as primeiras Irmãs chegaram da França, no dia 29 de maio de 1902, tendo desembarcado no porto de Recife. Foram acolhidas, em Camaragibe, pelas famílias Menezes e Collier.

As Irmãs vieram para a educação das crianças, filhos dos operários e também dos filhos do diretor de Camaragibe e

* Rua de Casa Forte, 52. Casa Forte, Recife (PE). E-mail: irfatimadantas@yahoo.com.br

do engenheiro em Goiana, além das obras de perseverança, canto e ofícios religiosos, cursos de adultos para mulheres etc. Eram sete Irmãs: Marie Cornélie, Superiora, M^a. Jeanne, Benjamine Marie, M^a. Josepha, M^a. Regina, M^a. Tarcisius e Marie de Jesus. Inicialmente, elas tiveram oito meses do estudo da língua portuguesa e, em 11 de fevereiro de 1903, dia de Nossa Senhora de Lourdes, foram iniciadas as aulas na Escola de Camaragibe.

Em 25 de junho de 1903 chegaram como reforço as Irmãs M^a. Itha e M^a. Hilarian; em março de 1905, a Ir. M^a. Eleonora.

Nas suas “Memórias” as Irmãs não se cansam de lembrar e repetir o acolhimento que receberam nessas terras hospitaleiras do Brasil, da parte das famílias Menezes, Collier, Muniz Machado, Brito e de todos os que faziam a Corporação Operária de Camaragibe. Estes, seguindo o exemplo dos seus chefes, cercaram as Irmãs de estima e veneração.

A *Educ* ~~ção~~ foi a primeira missão da Congregação, assim como a missão para a qual foram enviadas ao Brasil, começando por Camaragibe, com a educação voltada para os Irmãos dos operários e seguindo-se nos demais Colégios: em Pernambuco: Sagrada Família de Casa Forte/ Recife e Goiana; na Paraíba, em João Pessoa, Colégio Nossa Senhora das Neves e Externato Sagrada Família (bairro de Jaguaribe); na cidade de Areia, interior da Paraíba, no início do século passado, a Escola funcionou por pouco tempo. No Estado de Alagoas foi aberta uma Escola, que também durou pouco tempo.

No Estado de Goiás, as Irmãs atuaram numa Escola pública, na cidade de Mineiros. Paralelamente à missão de educação formal nas Escolas Sagrada Família, as Irmãs também trabalharam como educadoras em Escolas públicas, particularmente nas cidades do interior, nos lugares onde estavam inseridas, assim como o ensino alternativo ou religioso, nas comunidades e nas paróquias.

Outra missão também foi assumida no Brasil: a saúde – as Irmãs assumiram o trabalho de enfermagem e administração no Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia,

em João Pessoa. Também fundaram a Escola Superior de Enfermagem Santa Emília de Rodat, ao lado do hospital, e que foi dirigida pelas Irmãs até a década de 1980. As Irmãs residiam no próprio hospital até 1998; atualmente o hospital foi municipalizado e a Escola de Enfermagem está sob a direção de uma ex-aluna desta Escola. Também na saúde, algumas Irmãs trabalharam em hospitais públicos e nas comunidades carentes, como enfermeiras, parteiras... ou mesmo na saúde alternativa, com plantas naturais.

Na década de 1970, após as reformas na Igreja, com o Concílio Vaticano II, outras formas de presença e atuação das religiosas foram aparecendo, como inserção nos meios populares e atividades paroquiais, nos Estados da Paraíba, Maranhão e Goiás. Em Goiás, durante três décadas, dedicaram-se ao ensino, cuidado com idosos, no Abrigo dos Vicentinos, na Vila dos Pobres (Goiânia) e também na inserção. No Maranhão, igualmente, dedicaram-se ao trabalho pastoral, de promoção, evangelização e também do ensino.

Atualmente, a Congregação está presente em Nova Mamoré (Rondônia) (há 11 anos); em Oeiras do Pará (11 anos). Após dez anos que havia se encerrado a missão no Maranhão, recentemente foi reaberta uma comunidade, por insistência do Bispo, do clero e do povo, na mesma diocese anterior (Zé Doca), numa pequena cidade do interior. Também estivemos presentes no Paraná, de 2003 a 2010. Esta missão tinha uma característica especial: atender aos apelos do povo do pequeno vilarejo, onde existe uma forte devoção à Santa Emília. Em todos esses lugares, procuramos viver a inserção no meio do povo, dos mais simples e carentes.

No dia 1º de setembro, zemos a abertura do Mês de Santa Emília com uma celebração Eucarística festiva, na Capela do Colégio da Sagrada Família de Casa Forte, em ação de graças pelos 110 anos de nossa presença no Brasil. Louvamos ao Senhor por todas as graças concedidas à Congregação, à Província do Brasil, nesses anos de missão. Um destaque para a presença das cinco Provinciais, que desde 1969 conduziram e conduzem a Província. No início, o governo se fazia diretamente da Casa Mãe, na França; depois

passou à Região. A partir do Capítulo Geral de 1968/1969, houve uma mudança na Congregação, com a criação de Províncias, passando-se a ter mais autonomia. Ir. Gabrielle Trézières, que fez a transição de Região para Província, atualmente com 91 anos de idade, é muito lúcida e sempre dá testemunho de tudo que vivenciou aqui, desde a sua chegada, há 62 anos.

A Eucaristia foi presidida pelo Pe. Renato Maia, SCJ, ex-aluno da Escola de Camaragibe, e concelebrada pelos padres: Pe. Marcelo Barros, OSB, também ex-aluno; Pe. Luís Carlos, SCJ, ex-educador nas Escolas da Sagrada Família; Pe. André Vital, SCJ; Pe Mário, CsmR (nosso Capelão); Pe. Sebastião, de Goiana, e Pe. Célio (Arauto do Evangelho, de Casa Forte). Padre Marcelo fez a homilia, na qual expressou bem seus sentimentos de gratidão pela formação que recebeu na Sagrada Família e destacou a atuação da Palavra de Deus na vida.

Após a Celebração Eucarística, houve um momento muito especial, na quadra do Colégio, com a apresentação do cantor popular Zé Vicente e sua equipe. Ele é um místico, apaixonado pela natureza e pela arte, um homem de Deus, dedicado à evangelização pela música, profundo nas suas mensagens e assim ele nos levou a rezar, dançar, louvar... Por tudo isso, louvamos e agradecemos ao Senhor!

Esta festa contou com a forte presença da Vida Religiosa, não só da nossa Congregação (Irmãs, aspirantes, vocacionadas e Leigos/os associados), mas de diversas Congregações, de Recife e de outros lugares, dos religiosos (padres e seminaristas). Também de ex-alunos(as), amigos e amigas.

Obrigada, Senhor! Em mim, a presença amiga de tantas Religiosas/os foi muito grata e mostrou que a mística e o encantamento pela vida continuam como marca na vida consagrada, na Igreja. Louvemos ao Senhor por todas as graças concedidas e pelo bem que ele permitiu que a Congregação crescesse, em benefício de crianças, jovens, idosos, doentes e das famílias, nesses 110 anos de missão no Brasil.

Da necessidade da leitura na Vida Religiosa Consagrada

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

1. *Uma constatação preocupante e uma necessidade imperiosa*

Sabemos que os Religiosos e as Religiosas estão sempre muito atarefados, correndo para lá e para cá. As vinte e quatro horas do dia não são suficientes, às vezes, para cumprir todos os compromissos agendados. Por incrível que pareça, apesar da forte diminuição das vocações, o número de obras apostólicas, em grande parte das nossas Congregações e Institutos, diga-se de passagem, não diminuiu. Pelo contrário, até aumentou em alguns casos.

Então, nessa correria em que vivemos, sendo muitas vezes obrigados(as) a dar conta de mil e uma coisas ao mesmo tempo, evidentemente não sobra espaço para a leitura em nossas apertadíssimas agendas. Tem gente na VRC que é capaz de passar um ano inteirinho sem pegar num livro sequer! Isso acontece, sobretudo, depois de concluído o processo de formação, quando o(a) Religioso(a) já se acha, erroneamente, é bom que se esclareça, *form tñ* (!). Na melhor das hipóteses, lê-se a Bíblia, o breviário ou aquele mínimo de bibliografia necessária à elaboração de alguma palestra, uma aula, um encontro de pastoral, ou coisas do gênero. A exceção é por conta dos(as) professores(as), que são obrigados(as) a ler muito para preparar as suas aulas. Em termos de Vida Religiosa, na maioria das vezes, queremos crer, esse distanciamento dos livros em geral não acontece por má vontade ou preguiça, não. A verdade nua e crua é que falta tempo, falta disposição e sobra cansaço

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*. **Blog:** <plutarcoalmeida.blogspot.com>.

em meio às lutas diárias que temos de enfrentar, não é mesmo? Ao chegar na sua comunidade religiosa, depois de um dia todo de trabalho no colégio, no hospital, no centro social ou na paróquia, o(a) Religioso(a) está morto(a) de cansado(a)! Cadê coragem para ler um livro, por melhor que ele seja? Tem gente por aí que trabalha tanto, tanto, que não sobra tempo sequer para viver a vida (inclusive a Religiosa...).

Por outro lado, é bom acrescentar, a internet, uma vez ou outra, *sequestra* as agendas aquele precioso tempo em que o(a) Religioso(a) poderia, quem sabe, estar fazendo uma boa leitura. Nada contra a internet, desde que ela não substitua o livro tradicional como fonte de informação e de conhecimento.

Esse distanciamento dos livros, portanto, é um fenômeno que atinge a VRC, especialmente a Vida Religiosa Apostólica, o pessoal que *mete* não n *h* *ss*, há construção do Reino pelo mundo afora. Entretanto, não podemos acomodar-nos achando que isso é normal e que está tudo bem. Não, isso não é normal e não faz bem! Não faz bem à nossa alma, não faz bem à nossa inteligência, não faz bem às pessoas que esperam pela ajuda que lhes podemos dar e a este Reino que queremos edificar com as nossas ações e, principalmente, com o nosso testemunho.

O livro enobrece a alma, faz crescer a inteligência e nos torna capazes de compreender melhor os diversos ambientes em que vivem hoje os seres humanos, com suas específicas culturas culturais e também, é lógico, com os seus respectivos graus de diculidade. Sem acesso à leitura, Religiosos e Religiosas, por mais boa vontade que tenham, andarão pelo mundo às apalpadelas, na escuridão da ignorância, incapazes de compreender e interpretar os *sin* *is* dos tempos, como dizia o Vaticano II. A chegada do Reino, então, se atrasa!

Contudo, apesar de tudo isso, é forçoso reconhecer que hoje, talvez mais do que nunca, é preciso ler, e ler muito! E aqui não estamos falando apenas e tão somente da literatura exclusivamente religiosa, por melhor que seja ela.

Engana-se quem pensa que a psicologia, a sociologia, a antropologia, a política e outras ciências nada ou pouco têm a acrescentar ao nosso cabedal de conhecimentos. Por mais amplo que seja o conjunto de saberes que adquirimos na formação religiosa e/ou acadêmica, não podemos prescindir dos livros que nos trazem as análises feitas por essas e outras matérias.

Quem trabalha com as juventudes, por exemplo, precisa estudar, de qualquer maneira, a cultura do nosso tempo. Mesmo que não se tenha a intenção de tornar-se um *experto*, um *doutor* no assunto, é necessário acessar aquelas informações mais fundamentais sobre a realidade dessas novas cabeças que estão surgindo em meio a uma verdadeira enxurrada de novas tecnologias. Se não fizermos isso, o que é que vai acontecer realmente? Ora, bolas, estaremos pregando no deserto! Na escuridão da ignorância, fatalmente deixaremos de enxergar as realidades nas quais vivem esses jovens e todo o nosso discurso cairá no vazio do esquecimento eterno. Hoje também, mais do que nunca, é bom que se ressalte, para dizer qualquer coisa que faça algum sentido para as novas gerações, é imprescindível saber o que se fala *p* *quem* se fala, o *lug* *sociocultur* *t* *deste* *p* *quem* se fala, *o* *l* *deste* *p* *quem*!

Além do mais, temos que considerar que a simples leitura de um livro, se de fato ele é bom, ainda que não seja com o objetivo de adquirir informações e conhecimentos, é sempre um ato prazeroso. Talvez, neste momento, seja preciso readquirir pouco a pouco o hábito da leitura, encontrando em nossa agenda diária um tempinho para isso. Fácil com certeza não vai ser, pois nosso ativismo conspira terrivelmente contra, mas também não é algo impossível. Aliás, alguém já disse que tempo é questão de preferência. Quem sabe, desse jeito, os(as) Religiosos(as) voltem a sentir o enorme prazer que é o prazer de uma boa leitura...

2. *Livros interessantes para leitores(as) inteligentes*

Aqui apresentamos uma série de boas publicações que tocam em várias áreas do conhecimento. Acreditamos que a leitura de qualquer um desses livros poderá acrescentar informações muito interessantes ao nosso conhecimento da realidade atual, ajudando-nos a compreender mais e melhor este mundo amado por Deus e ansioso por nossa ajuda enquanto pessoas consagradas ao anúncio do Evangelho.

Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação

Autor: Richard Sennett

Editora: Record

As novas tecnologias disponíveis, hoje em dia, apontam na direção de uma sociedade de colaboração, ou seja, uma sociedade em que as pessoas são chamadas a sair dos seus redutos e integrar-se cada vez mais. Trata-se de um mundo altamente conectado, cada vez mais integrado e organizado em redes.

Richard Sennett explora como podemos aprender a cooperar nessas culturas que, apesar de integradas e integradoras, são por outro lado intensamente competitivas e egoístas. Dividido em três partes, o livro aborda a natureza da cooperação, por que esta se tornou fraca e como viver num mundo de colaboração.

O autor adverte que devemos aprender a arte da cooperação, se quisermos que a nossa complexa sociedade prospere, e nos assegura que somos capazes disso.

O que o dinheiro não compra. Os limites morais do mercado

Autor: Michael J. Sandel

Editora: Civilização Brasileira

O livro toca num ponto fundamental deste mundo capitalista em que vivemos. Agora parece que quase tudo

pode ser comprado e vendido. De fato, a mercantilização de tudo, até mesmo das relações humanas, vai aos poucos destruindo em nós aqueles valores maiores, como a solidariedade, a generosidade e a gratuidade. É como se estivessemos num grande mercado, comprando e vendendo a vida toda.

Por que car preocupado com o fato de estarmos caminhando para uma sociedade em que tudo está à venda? Por dois motivos: um tem a ver com desigualdade; o outro, com corrupção.

Michael Sandel pergunta: “Algumas das boas coisas da vida são corrompidas ou degradadas quando transformadas em mercadoria? Como decidir que bens podem ser postos à venda e quais deles devem ser governados por outros valores que não os de mercado? Onde não pode prevalecer a lei do dinheiro?”.

Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre ética, liderança e gestão

Autor: Mario Sergio Cortella

Editora: Vozes

“A ideia de trabalho como castigo precisa ser substituída pelo conceito de realizar uma obra... Enxergar um significado maior na vida aproxima o tema da espiritualidade do mundo do trabalho.” Depois do sucesso de *Não nos deixemos levar* e *Não espere pelo epitáfio*, Mario Sergio Cortella publica agora um texto envolvente sobre as inquietações do mundo corporativo. A vida não é feita só de trabalho, apesar das exigências desta sociedade altamente competitiva em que vivemos hoje. O trabalho humano deveria ser colocado sempre na perspectiva de edificação de um mundo mais justo e feliz para todos.

Neste livro, então, o autor desmistifica conceitos e pré-conceitos, e define o líder espiritualizado como aquele que trabalha reconhecendo a própria obra como algo capaz de edificar o mundo, buscando incessantemente o significado maior e mais profundo das coisas.

Globalização. As consequências humanas**Autor: Zygmunt Bauman****Editora: Jorge Zahar**

Muito já se falou sobre o fenômeno da globalização em seus múltiplos e complexos aspectos. O mundo em que vivemos é um mundo cada vez mais integrado, conectado, globalizado. E tudo isso não é teoria apenas, pelo contrário, tem consequências imediatas em nossas vidas.

Agora, em mais uma análise instigante, Bauman, sem dúvida um dos mais originais e perspicazes sociólogos em atividade, convida os leitores a uma reflexão sobre os efeitos da globalização na política, na economia, nas estruturas sociais e até em nossas percepções de tempo e espaço.

Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos**Autor: Zygmunt Bauman****Editora: Jorge Zahar**

Na sequência da obra anterior, como uma espécie de complemento ou de aprofundamento da mesma reflexão, Bauman discorre a respeito das relações humanas nesta sociedade globalizada. Ele investiga, neste livro, de que forma nossas relações tornam-se cada vez mais *flexíveis*, gerando níveis de insegurança sempre maiores. Com sua usual percepção aguçada e apurada, Bauman busca esclarecer, registrar e apreender de que forma o homem sem vínculos se conecta.

O ócio criativo**Autor: Domenico De Masi****Editora: Sextante/Gmt**

O autor volta a elaborar temas sobre a sociedade e o trabalho nos dias de hoje. Insatisfeito com o atual modelo social, ele propõe uma nova ordem baseado na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer.

De Masi elabora de forma acessível, neste livro, os temas da sociedade pós-industrial, do desenvolvimento sem emprego, da globalização, da criatividade e do tempo livre.

Insatisfeito com o modelo social centrado na idolatria do trabalho, ele propõe um novo modelo baseado na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer.

É preciso privilegiar a satisfação de necessidades radicais, como a introspecção, a amizade, o amor, as atividades lúdicas e a convivência. Segundo De Masi, o ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode também elevar-se para a arte, a criatividade e a liberdade. É no tempo livre que passamos a maior parte de nossos dias e é nele que devemos concentrar nossas potencialidades.

OBSERVAÇÃO: Con ra também o nosso artigo “Da necessidade do lazer na Vida Religiosa” na *Convergência* 440 (abr. 2011) 152-155.

Corrupção, mostra a sua cara

Autor: Marco Morel

Editora: Casa da Palavra

Nesses tempos de *CPI do C ttoeir*, julgamento do *escândalo do mens tto* e outras tantas maracutaias promovidas por boa parte da nossa classe política, o livro de Marco Morel ajuda o leitor e a leitora a compreender melhor o fenômeno da corrupção verde e amarela. Ele investiga atentamente a história do Brasil para descobrir as raízes de tudo isso.

O livro mostra de uma maneira muito divertida, mas sem perder a profundidade, que de 1500 até hoje a roubalheira acontece sem parar em nosso País. É uma espécie de mergulho nas histórias do Brasil: mares de lama, vassouras e escândalos, ou seja, a corrupção em suas entranhas tanto antigas como atuais.

Conhece o *Ministério do Jogo do Bicho*? E aquela famosa caixinha, dinheiro público entrando em bolsos privados? E o *mens tto* da polícia? Para tratar do tema espinhoso, Morel utiliza a velha arte brasileira: rir para não chorar. E ainda consola, mostrando que nem tudo está perdido ao dedicar o último capítulo a heróis: os incorruptíveis. Mesmo tendo a chance de se bene ciarem, alguns brasileiros e algumas

brasileiras ainda nos surpreendem e revelam que honestidade é possível em um país que precisa mudar.

Ter ou não ter, eis a questão! A sabedoria do consumo

Autor: Nilton Bonder

Editora: Rocco

O mundo consumista e materialista em que vivemos é o ponto de partida para *Ter ou não ter, eis a questão!* No livro, o autor fala da posse como um dilema de toda a humanidade, já que as escolhas da vida se baseiam no que temos ou deixamos de ter. Mas em vez de demonizar o consumo Bonder se preocupa em compreendê-lo como uma necessidade das pessoas, propondo uma administração do desejo e da vontade.

Como a própria existência, por de nição, é a posse de um corpo, *ser* e *ter* caminham juntos: enquanto o primeiro é uma questão relativa à matéria, o segundo é a questão essencial da existência. Os problemas começam quando *ser* e *ter* deixam de ser dois lados de uma mesma moeda para se transformarem um na antítese do outro.

Conforme nossa sociedade se preocupa mais com o querer ter, abusa da experiência do *ser* através de *ter*. Esse vício gera problemas como egoísmo, insegurança e incerteza da própria identidade. O *ter* é encarado como medida de sucesso, dando a percepção errada de que somos incluídos quando temos e excluídos quando não temos. Quando atingimos a maturidade para saber o que não ter, ganhamos qualidade de vida.

3. Convite final

Em várias oportunidades insistimos na necessidade de os Religiosos e as Religiosas, de vez em quando pelo menos, assistirem a um bom filme, um bom espetáculo de música, dança ou teatro, não só como atividade recreativa ou lúdica, mas também como algo que pode nos ajudar a crescer humana e espiritualmente.

Desta vez, então, queremos convidar nossos leitores e nossas leitoras a visitarem uma livraria. Sabemos que, infelizmente, no Brasil, sobretudo nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, é difícil encontrar uma livraria ou até mesmo uma simples banca de revistas e jornais. Nesse sentido as compras via internet podem ajudar a resolver a questão. Hoje todas as grandes livrarias do Brasil e do mundo possuem sites de fácil acesso na internet, as chamadas *livrarias virtuais*. A gente pode fazer uma visita sem sair de casa! E como diziam os antigos: “Quem não tem cão, caça com gato” – não é mesmo? Então, na primeira oportunidade que surgir, visite uma livraria e adquira um bom livro! E mesmo se sair de lá sem nada comprar, ainda assim vale a pena.

Irmãs e irmãos, experimentemos sempre que possível o prazer de uma boa leitura!

A Vida Religiosa Consagrada e a eclesiologia do Concílio Vaticano II.

Retorno às intuições eclesiológicas do Concílio por ocasião dos cinquenta anos de sua abertura

PAULO CÉSAR BARROS, SJ*

683

ARTIGOS

Introdução

Há intérpretes do Concílio Vaticano II que afirmam que o mesmo colocou a Igreja e a Vida Religiosa Consagrada (VRC) em crise. Ora, se relemos a história dos mais significativos concílios, constataremos que todos, sem exceção, colocaram a Igreja em crise... Na verdade, o processo de recepção de um Concílio sempre é marcado por resistências e dificuldades. O novo sempre traz medo, inquietação, e o que um concílio propõe, em grandes linhas, são novas maneiras de compreender e viver o dado da fé revelada. Basta pensar, a propósito, nos concílios da Antiguidade, como foi difícil e delicada a explicitação dos dogmas da fé cristã – as duas naturezas em Cristo e a Santíssima Trindade –, fazendo-se uso de categorias inteligíveis ao homem de então e por ele aceitáveis. Uma crise não é, em si mesma, perniciosa: pode suscitar reflexão, retomada de rumo. Uma crise, na realidade, é momento de se reverem os critérios que norteiam – ou deveriam nortear – a conduta, quer de uma pessoa, quer de uma instituição. Ou ainda: colocar-se em crise sugere acrisolar, isto é, indica submeter as pessoas e as instituições ao crisol da purificação.¹

Nossa intenção, neste breve artigo, é contribuir na compreensão da VRC como realidade inserida no grande e abrangente projeto de *aggiornamento* da Igreja proposto pelo Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II e dele participou somente no primeiro período – substancialmente, foi conduzido e concluído por seu sucessor, o Papa

* **Paulo César Barros** é sacerdote jesuíta, doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, professor adjunto do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta (FAJE), de Belo Horizonte-MG. **Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, CEP 31.720-300, Belo Horizonte-MG. **E-mail:** pbarros@faculdadesjesuita.edu.br.

1. Sobre esta questão, cf. CASTILHO PEREIRA, W. C. (org.). *Análise institucional da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1984.

Paulo VI. Nosso propósito aqui é, sobretudo, oferecer algumas poucas chaves de leitura de dois documentos conciliares: a constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, e o decreto *Perfectae Caritatis*, a respeito da *religiosa*.¹

1. Concílio Vaticano II

Armand-François Le Bourgeois recorda que “os religiosos entraram no Concílio um pouco complexados”,² uma vez que dois temas mostraram-se dominantes já no início desse evento: a teologia do episcopado, à qual se conecta naturalmente o tema da colegialidade dos bispos, e a promoção do laicato. Mais de um religioso perguntou então: a VRC ainda teria sentido numa nova configuração eclesial? Em todo caso, diga-se, já de início, que nenhum Concílio na história da Igreja se debruçou tão decidida e vigorosamente sobre o tema da VRC como o Vaticano II.

Os textos conciliares não foram elaborados por juristas fechados em seus gabinetes. Os primeiros passos para a preparação do Concílio, anunciado pelo Papa João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959, consistiram na instituição de uma comissão antepreparatória pelo mesmo papa, no dia 17 de maio de 1960, e numa ampla consulta sobre os temas que deveriam ser tratados pelos padres conciliares. Tal consulta fez-se mediante carta dirigida aos cardeais, bispos, dicastérios da cúria romana, superiores gerais de Institutos religiosos, universidades católicas e faculdades de teologia, pelo Cardeal Domenico Tardini, presidente da mencionada comissão antepreparatória, no dia 18 de junho de 1960. Depois, vieram à luz os esquemas propostos pelas Comissões Teológicas Preparatórias, também instituídas por João XXIII, aos quais reagiriam os padres conciliares, assessorados por teólogos peritos. Em seguida, as discussões que precediam as votações foram ocasião de melhoramento dos textos. Ou seja, os textos conciliares retem a vida da Igreja – ainda que com os limites naturais a elaborações humanas, mesmo com a assistência do Espírito Santo. Mesmo que tenha

Belo Horizonte: Publicações CRB, 2005. TILLARD, J. M. R. *Devotio ad Deum et pour le monde; le projet des religieux*. Paris: Cerf, 1974. p. 15-58.

2. LE BOURGEOIS, A.-F. *Présentation du Décret sur la rénovation et l'adaptation de la vie religieuse Perfectae Caritatis*. In: *Concile Oecuménique Vatican II; les évêques, la vie religieuse, la forme des prêtres, l'éducation chrétienne, les religions non-chrétiennes*. Paris: Le Centurion, 1965. p. 165-90 – aqui, p. 77. (Documents conciliares, 2.)

havido intervenções da cúria romana, que representaram o retrocesso em certos pontos nos quais os padres conciliares em sua maioria avançaram, os textos aprovados devem ser acolhidos e assimilados pelas comunidades eclesiais, o que será benéico para todo o Povo de Deus e o ajudará em sua missão de resplandecer a luz de Cristo em meio a todos os povos.

Pode-se dizer que a orientação teológica básica do Concílio foi a de superar uma teologia essencialista, a-histórica, que até então se praticava na Igreja, em favor de uma teologia que busque articular as verdades da fé com as mutações históricas que sofrem os homens e mulheres, inseridos em seus respectivos contextos sociais.³

2. Constituição dogmática *Lumen Gentium*

Nesta subseção nos restringiremos a tratar da eclesiologia proposta pela constituição dogmática *Lumen Gentium*. Apresentaremos, num primeiro momento, um breve histórico da construção desse documento; em seguida, indicaremos no mesmo algumas questões pontuais que acabarão por condicionar a opção dos padres conciliares por algumas intuições do decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a Vida Religiosa.

2.1. Construção da constituição dogmática

Não se pode pensar a VRC a partir do Vaticano II sem que antes nos acerquemos do modo como a *Lumen Gentium* foi construída. Aqui, nossa proposta hermenêutica é a de tomar sucessivamente os oito capítulos da constituição dogmática *De Ecclesia* aos pares, buscando perceber como a construção arquitetônica do documento se deu segundo uma lógica que chamaremos de conjunção binária.

2.1.1. Capítulos I e II da *Lumen Gentium*

Antes de tudo, recordemos que o esquema *De Ecclesia* proposto aos bispos por algumas das Comissões Teológicas Preparatórias do Concílio foi por eles rejeitado. Não lhes agradou a ideia de falar da Igreja como entidade pouco

3. A respeito deste tema, cf.: ROUTHIER, G. *Lecclesiologia come teologia pratica. Studi Teologici* (2012) 131-149.

enraizada na vida concreta das pessoas, e que, aparentemente, nascia da hierarquia. Triunfou, então, a ideia de que a Igreja é, antes de tudo, mistério de comunhão, inspirado na comunhão do Deus trinitário e alimentado por ela. Nasceu, assim, o primeiro capítulo da *Lumen Gentium*: “O mistério da Igreja”. E mais! Para que não se entendesse equivocadamente que o mistério da Igreja fosse algo abstrato, como que *perdido entre as estrelas*, os padres conciliares decidiram fazer ver que a Igreja situa-se na história: ela é Povo de Deus peregrino. Dessa forma, foi concebido o segundo capítulo da *Lumen Gentium*: “O Povo de Deus”. Assim sendo, as compreensões da Igreja como mistério de salvação e como Povo de Deus se equilibram e se exigem numa conceituação abrangente do que vem a ser a Igreja. Portanto, os dois capítulos iniciais da *Lumen Gentium* – *Ecclesiæ de Trinitate* (cap. I) e *Ecclesiæ ex hominibus* (cap. II), articulados dialeticamente entre si, já traduzem, de modo denso e com ampla fundamentação bíblico-patristica, uma concepção de Igreja em profunda sintonia com a grande Tradição eclesial, que ensinará, nos capítulos seguintes, o desenvolvimento daquilo que Yves Congar chamou de uma *eclesiologia*. Tal escolha representou uma decidida correção de uma auto-compreensão de Igreja que se restringia, na verdade, a uma *hierologia*; vale dizer, a uma conceituação de Igreja que consistia em restringi-la à hierarquia.

2.1.2. Capítulos III e IV da *Lumen Gentium*

O Concílio Vaticano II deu continuidade ao tratamento de questões que ficaram em aberto no Concílio Vaticano I (1869-1870). Recorde-se que no Concílio do século XIX proclamaram-se dois dogmas referentes ao ministério do sumo pontífice, a saber: o dogma do primado de jurisdição do bispo de Roma e aquele da infalibilidade do magistério solene do mesmo. Ora, por motivos de ordem política na Itália de então, o Vaticano I foi encerrado às pressas. Nada mais natural, portanto, que o Vaticano II avançasse na discussão do problema do governo da Igreja, que desde a Antiguidade se exerce colegialmente pelos bispos, dispersos por todo o mundo, tendo o bispo de Roma como chefe do Colégio

Episcopal. Na construção da *Lumen Gentium*, concebeu-se, assim, o terceiro capítulo, com o título: “A constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado”. Todavia, no espírito da intuição da já mencionada *eclesiologi* \rightarrow *tot t*,⁴ não poderia faltar na *Lumen Gentium* a abordagem da vocação daqueles que passam a pertencer à Igreja quando lhes é administrado o sacramento do Batismo: os *éis* leigos. Redigiu-se, então, o quarto capítulo da *Lumen Gentium*: “Os leigos”. Novamente, o que motivou a organização desses dois novos capítulos foi o princípio do equilíbrio: nem uma *Igrej* \rightarrow *pur mente* dos membros d *hier* \rightarrow *qui* (cap. III) nem uma *Igrej* \rightarrow *pur mente* dos leigos (cap. IV), mas uma Igreja que se dinamiza e se harmoniza na articulação de ministérios ordenados e de ministérios que brotam da consagração batismal dos *éis*.

2.1.3. Capítulos V e VI da *Lumen Gentium*

Sempre tendo em mente o princípio da *eclesiologi* \rightarrow *tot t*,⁴ os padres conciliares se dedicaram à consideração do tema da santidade da Igreja. Pode-se dizer, uma vez mais, que se busca aqui o equilíbrio em a rmar que a santidade é vocação de todos os membros da Igreja, sem exceção (cap. V: “A vocação de todos à santidade na Igreja”), mas que na Igreja há aqueles membros – recrutados quer junto à hierarquia, quer entre os leigos – que, mediante a pro *ssão* dos conselhos evangélicos, testemunham por sua vida a santidade da Igreja (cap. VI: “Os religiosos”). Não por acaso os padres conciliares tomaram o cuidado de deixar claro que a VRC não se coloca como realidade intermediária entre um e outro:

Tendo em conta a constituição divina hierárquica da Igreja, este estado não é intermédio entre o estado dos clérigos e o dos leigos; de ambos estes estados são chamados por Deus alguns cristãos, a usufruírem um dom especial na vida da Igreja e, cada um a seu modo, a ajudarem na sua missão salvadora (LG, n. 43).⁴

2.1.4. Capítulos VII e VIII da *Lumen Gentium*

A construção da *eclesiologia* total da *Lumen Gentium* ainda deveria ser concluída com a articulação de dois enfoques

4. A propósito desta questão, veja-se que já o Papa Pio XII acenara para a constituição da estrutura da Igreja a partir dos clérigos e dos leigos, sendo que os religiosos são chamados de ambos os “lados”. Cf. PIO XII. Const. apost. *Provid* \rightarrow *M ter Ecclesi* \rightarrow de fevereiro de 1947). *AAS* 39 (1947) 114-124 – aqui, p. 116. E também na *Lumen Gentium*: “[...] o estado constituído pela pro *ssão* dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está contudo rmente relacionado com sua vida e santidade” (cf. n. 44c). Ou ainda: “Os religiosos constituem uma estrutura n *Igrej* \rightarrow , mas não fazem parte da estrutura mesma d *Igrej* \rightarrow ”.

complementares: “A índole escatológica da Igreja peregrina e sua união com a Igreja celeste” (cap. VII) e “A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja” (cap. VIII). Onde se encontra a dialética relação de equilíbrio entre esses dois últimos capítulos? Ora, na ideia de que a Igreja, esforçando-se neste mundo por ser el ao Senhor e ansiando pelos “prados verdejantes” da consumação escatológica, se inspira em Maria, a serva el e humilde. A Igreja, Povo de Deus, peregrino neste mundo, tentado e provado de muitos modos, encontra em Maria exemplo e intercessão para que persevere em sua caminhada.

Nossa intenção, ao longo desta breve exposição do processo de construção arquetônica da *Lumen Gentium*, foi demonstrar o quanto o Concílio Vaticano II foi feliz na elaboração de uma eclesiologia de comunhão segundo a qual todos e cada um dos membros da Igreja têm o seu lugar. Ora, é a partir desse amplo horizonte de uma eclesiologia total que podemos nos perguntar sobre a razão de ser da vocação dos religiosos.

2.2. Algumas questões pontuais

Destacaremos aqui alguns poucos temas presentes na *Lumen Gentium* e que apontam para a eclesiologia de comunhão como matriz conceitual da Igreja.

2.2.1. Abertura ecumênica

No Concílio Vaticano II, foi de grande valor ecumênico a decisão dos bispos por a rmarem que a Igreja de Cristo *subsiste* na Igreja Católica romana. Assim se expressa a *Lumen Gentium*:

Esta Igreja [de Cristo], constituída e organizada neste mundo como sociedade, é [subsiste] na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, que se encontra, embora, fora da sua comunidade, se encontrem muitos elementos de santi cação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica (n. 8b).

(PHILIPS, G.
L'Église et son mystère π^AIIe Concile du V^{me} π^A histoire, texte et commentaire de la constitution *Lumen Gentium*. Paris: Desclée 1968. Tome II, p. 119. Grifos do autor.

Essa escolha dos padres conciliares deu-se como reação a uma das anteriores propostas de texto, que rezava o seguinte: *“Igreja de Cristo é Igreja Católica romana”*. Ou seja, optou-se por não mais identificar a Igreja de Cristo com a Igreja Católica romana, decisão que selou definitivamente o abandono, em âmbito católico romano, do que outrora se chamou de *ecumenismo de retorno*. Ou seja, aos cristãos de outras confissões não é mais dirigida a convocação para que regressem ao redil da Igreja Católica romana. Ora, tal decisão assinala a entrada da Igreja Católica romana no amplo e desafiante contexto do diálogo ecumênico, iniciado, em 1910, pelos protestantes.

Sem dúvida nenhuma, a orientação ecumênica do Concílio propiciou o resgate de valores caros à Tradição eclesial, e que foram mantidos por Igrejas e comunidades eclesiais fora do âmbito institucional da Igreja Católica romana. À guisa de exemplo, citemos o tema do sacerdócio comum dos cristãos (LG, n. 10), defendido por Lutero em seu confronto com Roma. Ora, o fato de a eclesiologia de comunhão da *Lumen Gentium* ter assimilado a doutrina do sacerdócio comum dos cristãos, que, obviamente, não é doutrina originariamente luterana, mas fartamente documentada na literatura neotestamentária e patrística, acabará por questionar a ideia não pouco difundida de que somente os religiosos são chamados à santidade. A propósito do problema, é sugestiva a seguinte afirmação de Gérard Philips, teólogo belga que muito contribuiu na elaboração da *Lumen Gentium*: “Se desejamos convencer a Reforma do caráter verdadeiramente universalista da santidade, na concepção dos católicos, evitemos exaltar o estado de vida dos religiosos, em detrimento da dignidade dos cristãos comuns”.⁵ Para os protestantes, aliás, os religiosos autênticos são aqueles mais próximos à comunidade eclesial.

2.2.2. *Sensus fidelium*

Outro ponto forte da eclesiologia do Vaticano II foi o resgate do valor tradicional do *sensus fidelium*. Mais do que um conceito, o *sensus fidelium* é uma experiência de todos os batizados: na Igreja, todos os cristãos gozam de um *sensus*

5. PHILIPS, *L'Église et son mystère*. Concile du Vatican II, p. 119.

das coisas da fé e da moral que não se restringe a uma mera sensibilidade, mas é uma graça dada pelo Espírito Santo e concede a toda a comunidade eclesial o dom da infalibilidade *no* ~~de~~ *de* *crer* (cf. *LG*, n. 12a). O valor tradicional do *sensus fidelium* é, sem dúvida, uma das grandes riquezas da constituição dogmática *De Ecclesi* ~~que~~ que pode muito nos motivar e inspirar no esforço por construir a Igreja comunhão.

2.2.3. Colegialidade dos bispos

Ainda que a palavra *colegi* ~~tit~~ ~~tit~~ como tal não nos apareça textos conciliares, o conceito de colegialidade episcopal é um dos temas basilares do capítulo III da *Lumen Gentium*. Fundamentada bíblicamente na formação de um grupo de doze discípulos pelo Jesus histórico, no qual Pedro tem um papel singular, a ideia da colegialidade é sumamente importante quando se busca construir a Igreja comunhão. Trata-se, aqui, de caminhar mais e mais na compreensão de que o governo eclesial se faz colegialmente, no qual todos os bispos manifestam solicitude pela universal Igreja de Cristo. Vale aqui recordar o testemunho dos Padres da Igreja, por exemplo, o de Agostinho de Hipona, quando, em contenda com os bispos donatistas (líderes cismáticos do norte da África), ensina que todos os pastores devem pastorear a Igreja no único Pastor, Cristo.

2.3. O capítulo VI da *Lumen Gentium*

Porque dedicado aos religiosos, o capítulo VI da *Lumen Gentium* merece consideração especial neste artigo. Como já acenado, tal capítulo da constituição dogmática *De Ecclesi* ~~deve~~ deve ser lido em relação ao capítulo que lhe é imediatamente anterior, “A vocação de todos à santidade na Igreja”. O que os padres conciliares tinham em mente nas discussões em torno do tema da Igreja, sempre em vista do projeto de se elaborar uma *eclesiologi* ~~tot~~ ~~t~~ era deixar claro que, na Igreja, todos os batizados são chamados à santidade. Ora, a partir dessa perspectiva, como entender, então, a VRC? Se todos são chamados à santidade, a VRC não seria algo totalmente descartável? Como resposta a tal interrogação,

no capítulo VI da *Lumen Gentium* os padres conciliares explicitarão o valor e o lugar da VRC na Igreja, bem como evocarão o significado histórico deste estado de vida desde os primeiros tempos do Cristianismo.

Antes de tudo, seja dito que, no Concílio, a corriqueira designação da VRC como *estã de perfeição* foi terminantemente abolida, por sugerir a ideia de uma casta de homens e mulheres que, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, seriam superiores aos demais membros da Igreja. Passa-se, então, a pensar a VRC como *um certo modo* de viver o Cristianismo – modo este assinalado pela profissão dos conselhos evangélicos – e não como *um certo tipo* de Cristianismo. Por que tal distinção? Simplesmente porque, numa eclesiologia de comunhão, a unidade eclesial é mantida quando cada batizado experimenta *um modo próprio* de encarnar o único Evangelho de Cristo, enquanto *um tipo* de experiência cristã pode comprometer a unidade eclesial, na medida em que *um tipo* de vida cristã pode ser considerado melhor e/ou superior a outro. Isso tudo pode parecer sutileza de palavras, mas cremos que ajuda na compreensão do sentido e do valor da VRC no conjunto da Igreja.⁶ Todas as passagens das Sagradas Escrituras que aplicamos aos que fazem a profissão dos votos religiosos são também aplicáveis a todos os crentes; vale dizer: os conselhos evangélicos são dirigidos a todos os que creem em Cristo. Ou ainda, dizendo de modo diverso: a rigor, existe uma única vida cristã, que se expressa de vários e muitos modos, entre os quais aquele modo próprio da VRC.

É importante salientar que a consagração mediante a profissão dos votos religiosos não é uma espécie de complemento do batismo, como se os batizados fossem cristãos *imperfeitos* ou de *segunda categoria*, a serem promovidos a cristãos de *primeira categoria* através da consagração religiosa. Ora, é mediante o sacramento do Batismo que ao catecúmeno é dada a dignidade de filho de Deus e a graça da inserção na comunhão eclesial, e enquanto leigo, permanecendo como tal ao longo de toda a sua vida, é membro pleno do Corpo de Cristo.⁷ O religioso, então, o que faz é, mediante a

6. Cf. FERASIN, E. *Un lungo cammino di fedeltà; la vita consacrata dal Concilio al Sinodo*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1996. p. 20-22. PHILIPS, *L'Église et son mystère*. IIe Concile du V^e siècle, p. 120.

7. Cf. TORRELL, J.-P. *Un peuple et son sacerdoce baptismal et ministère sacerdotal*. Paris: Cerf, 2011. p. 159.

pro ssão dos conselhos evangélicos, dispor-se à graça batismal para que esta produza nele e através dele frutos para o bem da Igreja e da humanidade toda. Com efeito, assim ensina o Concílio:

[...] para que [o religioso] possa colher frutos mais abundantes da graça batismal, procura pela pro ssão dos conselhos evangélicos, na Igreja, livrar-se dos impedimentos que o possam afastar do fervor da caridade e da perfeição do culto divino e consagrar-se mais intimamente ao serviço de Deus (cf. *LG*, n. 44a).

Em coerência com a *eclesiologi* ~~tot~~ ~~tdo~~ do Concílio, nada mais normal que a VRC seja vista como uma signi cativa contribuição ao ministério pastoral da Igreja. Como não poderia ser diferente, a pro ssão religiosa é vista em seu vínculo profundo com a Igreja e em prol de sua missão: “E como os conselhos evangélicos, em razão da caridade a que conduzem, de modo especial unem à Igreja e ao seu mistério aqueles que os seguem, deve também a sua vida espiritual ser consagrada ao bem de toda ela” (*LG*, n. 44b).

O resgate de uma perspectiva escatológica que superasse o restritivo e empobrecido conceito dos *Novíssimos*, ao tornar possível a elaboração de uma eclesiologia mais aberta, acabou por trazer também vantagens para a teologia da Vida Religiosa. Deixemos que o próprio Concílio nos fale dessa rica intuição:

E porque o Povo de Deus não tem na terra a sua cidade permanente, mas vai em demanda da futura, o estado religioso, tornando os seus seguidores mais livres das preocupações terrenas, manifesta também mais claramente a todos os éis os bens celestes, já presentes neste mundo; é assim testemunha da vida nova é eterna, adquirida com a redenção de Cristo, e preanuncia a ressurreição futura e a glória do reino celeste. O mesmo estado religioso imita mais de perto, e perpetuamente representa na Igreja aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo para cumprir a vontade do Pai, e por ele foi proposta aos discípulos que o seguiam. Finalmente, o

estado religioso patenteia de modo especial a elevação do reino de Deus sobre tudo o que é terreno e as suas relações transcendentais; e revela aos homens a grandeza do poder de Cristo Rei e a potência infinita com que o Espírito Santo maravilhosamente atua na Igreja (LG, n. 44c).

O número 45 da *Lumen Gentium* trata da delicada questão

693

8. Para
aprofundamento
deste tema, ver:
SUGAWARA, Y.
Presenza apostolica
dei religiosi nella
Chiesa particolare.
Periodic 93 (2004)
65-92.

comunhão aparece novamente aqui, fundamentado teologicamente no dogma da Santíssima Trindade.

Como se depreende do que foi exposto, os padres conciliares buscaram, no capítulo VI da constituição dogmática *De Ecclesi*, mesgatar os significados cristológico, pneumatológico, eclesiológico, escatológico e transcendental da VRC, ou seja, intentaram situá-la num amplo e rico horizonte teológico, fugindo assim ao tratamento clássico da VRC como mero cumprimento jurídico dos votos religiosos. Não por acaso não se encontra nos documentos conciliares – nem mesmo no decreto *Perfectae Caritatis* – uma definição de VRC. Apresentam-se, na verdade, descrições desse estado de vida a partir de elementos tirados da Bíblia e de teólogos antigos e medievais.

3. Decreto *Perfectae Caritatis*

3.1. Construção do decreto

A elaboração do decreto sobre a *conveniente renovatio* da *Vita Religiosa* – nos momentos iniciais do Concílio pensado como constituição – obedeceu à orientação geral do Concílio, isto é, à famosa proposta de *aggiornamento* da Igreja feita pelo Papa João XXIII. As vicissitudes que marcaram o processo de confecção do decreto apontam para o grande esforço que os padres conciliares e teólogos peritos – fizeram para adequar a VRC ao amplo panorama de uma *eclesiologia* – *totius* A propósito dessas reviravoltas, que, aliás, não foram poucas, basta recordar que se prepararam cinco esquemas anteriores ao texto final, constituído de vinte e cinco parágrafos.

O esquema inicial, de 1962 – longo, de cem páginas –, foi diminuído, segundo “aquele sentido de síntese eclesial que animará todos os documentos conciliares”.⁹ Portanto, na elaboração dos decretos pedia-se que fossem explicitados somente princípios gerais. As formulações mais detalhadas e o ordenamento canônico viriam posteriormente,

9. FOGLIASSO, E. *Il decreto "Perfectae Caritatis" sul rinnovamento della vita religiosa in rispondenza alle odierne circostanze*. Torino: Elle Di Ci, 1967. p. 21.

no sucessivo e necessário processo de recepção dos textos conciliares.

Em 22 de abril de 1963 é proposto um esquema mais enxuto, de trinta e cinco páginas, com o título *De st tibus perfectionis* que deixava de lado indicações de caráter excessivamente jurídico.

Contudo, decisões da Comissão Central de 28 de dezembro de 1963 e de 24 de janeiro de 1964 redundaram na exigência de que o texto fosse reduzido a uma simples enumeração de proposições. Surge, assim, o *Schem* que, em cinco páginas, se restringia a apresentar os grandes problemas atuais da Vida Religiosa. Tendo sido enviado aos padres conciliares, esse texto não foi bem acolhido por eles. Foi, então, emendado e ampliado, para novamente ser apresentado aos padres conciliares sob o título

Esse texto é que foi submetido à votação dos bispos nos dias 14 e 16 de novembro de 1964. Todavia, tendo recebido uma série de críticas e sugestões, foi em seguida reelaborado. Depois, votado artigo por artigo, o texto obteve aprovação quase unânime. E ainda, no dia 11 de outubro de 1965, na 146ª Congregação Geral, o texto foi votado globalmente e aprovado, com 2.126 votos a favor, treze contra e três nulos, de um total de 2.142 votantes. Finalmente, na Sessão Pública de 28 de outubro de 1965, procedeu-se a uma nova votação do documento, na qual, de um total de 2.325 padres conciliares presentes, 2.321 votaram a favor do texto e quatro se manifestaram contra.

Uma breve palavra a respeito do título *Sobre* que os dois termos – *conveniente* (adequada, apropriada) e *renov* – vêm juntos em articulação dialética, pois trata-se de renovação que não se confunde com modismo ou mera adaptação exterior a novas condições da sociedade de hoje, mas que seja retorno às fontes inspiradoras dos Institutos de Vida Religiosa a fim de que se reinterpretem os carismas fundacionais a partir dos desafios e interrogações postos por uma realidade diversa. Portanto, numa relação dialética entre os polos significados

respectivamente pelo adjetivo *conveniente* e pelo substantivo *renovatio*, o primeiro diz respeito à acentuação da inspiração teológica da VRC e o segundo, à acentuação da inserção histórica da mesma VRC.

3.2. Algumas questões pontuais

3.2.1. Elementos essenciais da profissão religiosa

Depois de apresentar nos parágrafos de 1 a 4 os princípios de *conveniente renovatio* da VRC, o decreto *Perfectae Caritatis*, nos parágrafos 5 e 6, evoca elementos essenciais de toda *profissão religiosa*. Esses números encerram uma síntese densa, substancial, do que é a VRC. Depreende-se desses parágrafos que “o religioso é um batizado que se engaja oficialmente, diante da Igreja, na prática dos conselhos evangélicos”.¹⁰ O que já aparecera no capítulo VI da *Lumen Gentium* é aqui retomado: a consagração do religioso na profissão dos votos se dá a partir de sua condição de batizado e é feita no contexto eclesial (cf. *PC*, n. 5a). Nunca é demais repetir que essa *definição* do estado religioso se harmoniza com a intenção eclesiológico-eclesial do Concílio.

Destaque-se aqui a preocupação do Concílio em ajudar os religiosos a superarem a dicotomia entre *oratio* e *actio*, entre *vidua interior* e *pobres do mundo*. Dessa preocupação permanente, sem dúvida, mas do qual nenhum religioso pode furtar-se (cf. *PC*, n. 6).

3.2.2. Vida Religiosa centrada na perfeita caridade

A grande motivação da VRC é a *caritas perfecta*, ou seja, uma virtude teologal, o que sugere que a *consacratio religiosa*, mais do que feita *Deo*, é feita *per Deum*. Vale dizer, é Deus quem consagra o religioso ao seu serviço e ao serviço dos demais, capacitando-o para o exercício do bem. Essa perspectiva naturalmente condicionará a vivência dos *votos*, que, não por acaso, na construção do *Perfectae Caritatis*, são apresentados posteriormente, nos números 12 a 14: a *profissão* e a vivência dos *votos*, na perspectiva do decreto, tornam-se, assim, a resposta humana à perfeita caridade que anima o religioso. Tal opção antropológica do Concílio é, sem dúvida, iluminadora, na medida em que situa no centro da VRC

10. LE BOURGEOIS, Présentation du Décret sur la rénovation et l'adaptation de la vie religieuse *Perfectae Caritatis*, p. 85-86.

não o religioso, mas a graça divina que atua nele e através dele. E os *votos* vêm a ser não mais atitude voluntarista, mas ação de graças à caridade perfeita, que se alimenta dos sacramentos (especialmente da Eucaristia), da leitura meditada do Evangelho, e da contemplação da vida de Cristo.

A experiência da perfeita caridade, portanto, leva o religioso a situar sua vocação não em si mesmo, mas no amplo contexto da Igreja, no qual ele vivencia a VRC como seguimento de Cristo, praticado numa sadia tensão escatológica. Recordemos três valores já mencionados na *Lumen Gentium* e que agora, no *Perfect* $\epsilon^{\wedge}C$ $\pi\pi$ $\pi\pi$, são direcionados aos religiosos: os elementos cristológico, eclesiológico e escatológico da VRC. Não se trata, portanto, de viver os *votos religiosos* como mera ascese pessoal, mas como vivência eclesial do seguimento de Cristo pobre, casto e obediente, e que, enquanto testemunho, aponta para os valores eternos já vividos neste mundo¹¹ e esperados¹² em plenitude na consumação escatológica. Dessa forma, os religiosos dão “testemunho vivo da vocação supraterrrestre do gênero humano e da transcendência do Reino de Deus”.¹³

3.2.3. Vida comunitária

O *Perfect* $\epsilon^{\wedge}C$ $\pi\pi$ $\pi\pi$ enfatiza que a grande inspiração da VRC é a própria Igreja do Novo Testamento. É o tema do parágrafo 15 do decreto, que tem como pano de fundo a eclesiologia trinitária de *LG*, n. 2-4. Aqui, o documento conciliar pede que, na adequada renovação da VRC, leve-se em conta que nas *comunidades religiosas* não haja divisões entre *privilegiados* e *os demais*, mas que as legítimas diferenças se entendam a partir de uma necessária divisão de tarefas entre os membros (cf. *PC*, n. 15b).

3.2.4. Formação para a Vida Religiosa

O número 18 do *Perfect* $\epsilon^{\wedge}C$ $\pi\pi$ $\pi\pi$ é dedicado ao importante assunto da formação para a VRC, principalmente dos religiosos leigos e das religiosas. A propósito, “diz-se que, nesta questão, o Concílio Vaticano II poderia ter sobre a formação dos religiosos leigos e das religiosas uma in uência

11. É iluminadora aqui a perspectiva joanina da vida eterna: “Eu vos escrevo estas coisas, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna” (1Jo 5,13) [grifo nosso]. Ou seja, a vida eterna não é um conceito temporal, algo do qual se desfrutará na existência humana *post mortem*, mas que já opera no crente membro da Igreja. Confunde-se, certamente, com a virtude teologal da caridade.

12. Tenha-se presente aqui a virtude teologal da esperança.

13. PHILIPS, *L'Église et son mystère* $\pi^{\wedge}Ile$ Concile du V $\pi\pi$ $\pi\pi$, p. 117.

análoga àquela do Concílio de Trento sobre a preparação dos clérigos para o sacerdócio”.¹⁴

Conclusão

A releitura dos documentos do Vaticano II – mais do que meramente nos inteirar de seu rico ensinamento – deve nos reportar ao *espírito* desse marcante evento eclesial: o *aggiornamento* da Igreja segundo a orientação basililar da eclesiologia de comunhão. Importa aqui defender o Concílio contra os que querem interpretá-lo de forma restritiva. É o caso, por exemplo, daqueles que mencionam o Vaticano II como *concílio p[ro] s[an]c[t]o* e que, como tal, não teria força vinculante para os membros da Igreja. Ora, nada mais criticável, como se *p[ro] s[an]c[t]o* fosse algo depreciativo em relação a *jurídico*.

O *novo* *teísmo*, representado por autores tais como Michel Onfray, Richard Dawkins, Daniel Dennet, Sam Harris, André Comte-Sponville e outros, em curiosa concomitância com o *retorno do s[an]c[t]o* (não isento de ambiguidades), são fenômenos recentes que podem provocar a VRC a renovar-se segundo as inspirações e normas do Concílio Vaticano II. Aqui, a história pode muito nos ajudar, pois não se podem negar os frutos que os Institutos de Vida Consagrada têm dado à Igreja e ao mundo. Consistentes sínteses de espiritualidade das fundadoras e dos fundadores têm enriquecido, ao longo dos séculos, o patrimônio comum de todos os *clérigos* em Cristo.

O retorno às intuições eclesiológicas do Vaticano II consiste na recuperação de suas ideias-chave para a renovação da Igreja, bem como da VRC. Os documentos conciliares não dão fórmulas prontas, eles visam despertar em nós energias de criatividade *el*. No tocante à VRC, caberá a cada Instituto religioso descobrir seus próprios caminhos de renovação. Normas jurídicas que vierem posteriormente – tenha-se em conta aqui o *Código de Direito C[anônico]* promulgado em 1983 – nada mais são que *um corpo p[ro] s[an]c[t]o* *Espírito*. Estamos em plena fase de recepção do Concílio: o *desa* o está diante de todos nós.

14. LE BOURGEOIS, Présentation du Décret sur la rénovation et l'adaptation de la vie religieuse *Perfect* *et* *et*, p. 89.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Enquanto religiosas e religiosos, que passos concretos podemos dar na direção de uma vivência enriquecedora da *eclesiologia* de comunhão proposta pelo Concílio Vaticano II?
2. Em que medida a experiência da VRC como convivência com o diferente pode despertar e animar em nós a *sensibilidade ecumênica*, tão cara ao Concílio Vaticano II?
3. Tendo em vista o fenômeno do *novo teísmo*, como podemos viver os votos religiosos à maneira de *gesto profético*?

Amazônia, uma memória, uma história que invisibiliza a Vida Religiosa

TEA FRIGERIO, MMX*

A caminhada da Igreja na Amazônia é marcada pela presença da Vida Religiosa desde os seus albos. Recordamos as Ordens: Franciscana, Carmelita, Mercedários, Jesuíta, que desde seu início caminharam abrindo senda, remaram ao encontro dos nativos e das populações – negra, mestiça, cabocla, europeia – que aqui vieram. Quero só recordar, sem emitir nenhuma apreciação, seja negativa, seja positiva. É história, e a história vai julgar.

Na segunda metade do século XIX, com a romanização, vieram as Congregações, assumindo papel educativo e sanitário e atuando na desobriga.

Quando a Igreja apontou para a Amazônia, vieram as Congregações, que assumiram a condução das Prelazias.

Nessa caminhada, no primeiro momento, as Ordens se destacaram através de sua ação missionária e desbravadora. No segundo momento, as Congregações ocuparam espaços onde a sociedade civil não conseguia responder, como educação e saúde. No terceiro momento, ao assumir as Prelazias, o processo de invisibilidade se intensificou, pois identificaram-se como clero estrangeiro e, às vezes, com o clero local.

Embora mantivessem uma atuação ligada ao próprio carisma, aos próprios fundadores e padroeiros, a meu parecer este se diluiu no exercício administrativo das Prelazias e das paróquias que foram constituídas. Eles foram e são mais padres (clero) que religiosos. Um exemplo esclarecedor: ao procurá-los, nós os encontramos presentes nas reuniões do

* **Tea Frigerio**

é religiosa Missionária de Maria Xaveriana, assessora popular do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e assessora nacional das CEBs. **Endereço**

da autora: Rua Veiga Cabral 447, Cidade Velha, CEP 66.023-630, Belém-PA. E-mail: t_frigerio@hotmail.com.

presbitério quase na totalidade, minoria nas reuniões promovidas pela CRB.

Se a Vida Religiosa masculina se invisibiliza por serem mais reconhecidos como padres (clero) do que como religiosos, ao entrar de cheio na estrutura eclesial, na administração das paróquias e na sacramentalização o caráter profético da Vida Religiosa ca como que em segundo plano, ou até se perde. Nesse olhar global a generalização é quase natural. História e povo guardam o testemunho da presença profética de padres religiosos que, em sua ação pastoral, optaram por ser presença viva do Projeto de Jesus no meio dos agricultores e nas periferias das cidades.

Até aqui detivemos o olhar sobre a Vida Religiosa masculina, quando o olhar se desloca para a Vida Religiosa feminina a invisibilidade é quase que total.

Ao fazer história da Igreja, assinala-se o nascimento das Prelazias, o caminho da Igreja na Amazônia, raramente fala-se das religiosas, dos Irmãos religiosos. Raramente fala-se que, se a tal Prelazia foi con ada a tal Congregação, esta trouxe consigo seu equivalente feminino. Ao falar do projeto eclesial da CNBB *Igrej s-Irmãos*, acena-se à vinda de padres, leigos, de ajuda solidária, mas quase não se fala das Congregações femininas e de Irmãos que aqui vieram motivadas(os) por este projeto, conduzidas(os) pela caminhada de inserção da Vida Religiosa no Brasil, após o Vaticano II e Medellín.

Quero aqui fazer um realce: a estrutura patriarcal e hierárquica do meio eclesial invisibiliza também a Vida Religiosa masculina, quero dizer, as Congregações dos religiosos Irmãos.

Talvez a esta altura vocês esperem que eu lhes ofereça dados, e com razão. Tenho uma declaração a fazer: não sou historiadora, sou uma mulher que, por opção feminista, lê a Bíblia e faz teologia a partir desta opção, e considera tudo isso desde a ótica da sua vocação religiosa e missionária.

Minha vocação vivida dentro dessa opção é que me levou a fazer estas re exões. Re exões que têm este trançado, este

colorido. Sou tão ousada que desafiaria as Diretorias da CRB aqui representadas a fazerem tal pesquisa, se ainda não a fizeram.

Podemos perguntar-nos: onde estão as causas dessa invisibilidade?

O jeito clássico de fazer história invisibiliza a mulher pela estrutura patriarcal em que vivemos, seja social, seja religiosa. Os historiadores, ao seguir as regras determinadas pela historiografia, elaboram a memória histórica a partir dos acontecimentos sócio-econômico-político-religiosos, espaços onde o homem é protagonista e a mulher é presença passiva, consumidora e não produtora. O patriarcado, ao determinar que o âmbito doméstico e cotidiano é espaço privado e não público, e que este espaço é, tradicionalmente, próprio da mulher, não entrando no relato histórico, quase que naturalmente exclui a mulher da história. Se isso é verdade para a história, de um modo mais contundente é verdadeiro ao fazer História da Igreja, pois a estrutura hierárquica e patriarcal condiciona de modo contundente.

Podemos observar outro elemento determinante: a estrutura que determina a linguagem, as regras gramaticais que determinam que o masculino inclua o feminino – então, ao dizer *religioso* deveríamos pensar masculino e feminino; ao dizer *leigo*, deveríamos incluir *leiga*; ao formular *agentes de pastoral*, incluir homem e mulher. Na realidade, nossa mentalidade foi induzida por uma formação patriarcal, cujo registro é somente o homem.

Continuo minha reflexão apresentando alguns pontos que orientaram meu olhar ao ler os documentos e, penso, deveriam corrigir nosso olhar ao fazer memória desses quarenta anos do *Documento de São Teófilo*. Deveriam orientar e corrigir nosso olhar ao ler qualquer relato histórico, deveriam orientar os historiadores.

Poderia ter outros, mas foram estes que me provocaram:

1. *Linguagem inclusiva* – Os documentos não usam uma linguagem inclusiva. Encontramos: homem – religiosos – missionários – leigos – agentes de pastoral, linguagem

que invisibiliza a mulher, a religiosa. Então, ao ler os documentos e nos encontros que haverá neste tempo de comemoração, convido a *recordar a nome a d'esses termos um rosto de mulher*. Fazer isso para dar visibilidade à Vida Religiosa feminina e em solidariedade a todas as mulheres que são a base de sustentação espiritual e presença concreta e ativa na história da Igreja na Amazônia.

2. *Doméstico – cotidi*: são os eventos, os protagonistas, os documentos, as grandes etapas objeto da história. Não se ensaia fazer a história a partir de baixo, do cotidiano e do doméstico. Então, ao apresentar as etapas da história, as linhas prioritárias, os documentos visibilizam o oficial, as assembleias, os bispos que assinam... O doméstico e o cotidiano não são contemplados. É preciso visibilizar o doméstico, o cotidiano da pastoral, que geralmente é assumido pelas Irmãs nas visitas, nas conversas, na animação, nas atividades com crianças, mulheres, doentes...
3. *Memória do processo de inserção vivido pela Vida Religiosa* neste processo, articulado com o processo de refundação da Vida Religiosa, teve seu olho d'água no Vaticano II e em Medellín. Foi fermento que motivou mais a Vida Religiosa feminina que a masculina, e foi a força motora do deslocamento da Vida Religiosa que respondeu ao apelo de Paulo VI: *Cristo p'nt p' Am z'ni*.

Com tais reflexões, li os documentos oferecidos em preparação a este Encontro.

O primeiro foi *A c' minh' d' a' Igrej' n' Am z'ni* p' r' dos gr' n'les Encontros Inter-region' is'.

- Quero pontuar o parágrafo que diz:

[...] constituído o Regional Norte II, em 6 de maio 1966, [...] por causa do Presidente, do subsecretário, das reuniões, e das lideranças das pastorais, todos atuando somente em Belém [...]

O *Secret' n' t'6* foi instalado em uma sala do antigo Seminário

Nossa Senhora da Conceição, que havia sido fechado pela inauguração do Seminário São Pio X, em Ananindeua. Isso se deu no dia 15 de setembro de 1966, funcionando em conjunto com o *Secretariado da CRB*.

- O escrito parece dizer que já havia um *Secretariado da CRB*, e se havia um Secretariado quer dizer que havia *religiosos e religiosos*.
- Em 1972, de 24 a 30 de maio, realiza-se em Santarém o *V Encontro Inter-regional dos Bispos da Amazônia*, para refletir sobre a caminhada da Igreja na região e definir as Linhas Prioritárias da Pastoral da Amazônia... Encontro que foi um marco histórico. Um bispo assim se expressou: “[...] a caminhada de batismo da Igreja na Amazônia, pois foi delineada uma eclesiologia tipicamente amazônica: UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO!”. Em 1974, de 15 a 22 de maio, os bispos da Amazônia se reuniram em Manaus para o *VI Encontro Inter-regional*. Os *Encontros de Santarém e Manaus* provocaram uma mudança na eclesiologia regional. De uma Igreja acentuadamente clerical pouco a pouco foi abrindo a possibilidade de *tornar-se uma Igreja em ministério*, que passa a favorecer o protagonismo de leigos e leigas e a investir mais na formação dos agentes de pastoral locais. Ao mesmo tempo, representou aos poucos uma ruptura com os tradicionais parceiros, ou seja, os organismos públicos e as classes dominantes, que utilizavam a Igreja nos seus projetos assistencialistas.
- É silenciada totalmente a presença e o ministério das Irmãs nesse processo.
- Em 1972, surgiu o projeto *Igreja e Irmãs*... No início, o projeto obteve certa repercussão, o que significou a vinda de muitos *missionários e missionárias* de outras regiões do Brasil, sobretudo para as áreas das novas fronteiras agrícolas e populacionais...

- Talvez merecesse uma ressalva destacar as Congregações femininas que responderam a esse apelo.
- O Documento prossegue marcando as etapas e os *Encontros Inter-regionais*. Ao acompanhar as temáticas, percebe-se a grande vitalidade que a Igreja na Amazônia sempre teve: “Ecologia e a Igreja com rosto amazônico e Realidade amazônica e seu impacto na pastoral”; violência urbana, madeireiras, garimpos, povos indígenas, migrações...; formação do clero e agentes de pastoral autóctone, ecumenismo e seitas, doutrina social da Igreja... Vitalidade reconhecida quando, no ano 2000, ao responder aos apelos dos bispos, a CNBB criou a Comissão Episcopal Especial para a Amazônia. Encontramos registrado:

O episcopado brasileiro, reunido em Assembleia, em Itaiçi, por sua missão evangelizadora, tem os olhos voltados para a Amazônia, acompanhando os passos que a Igreja vem dando na região há muito tempo, sobretudo nos últimos anos, em que ela se sente desafiada pelas contínuas investidas contra a obra do Criador naquela região e pelas agressões à dignidade e aos direitos humanos de tantos filhos e filhas de Deus... É grande a vitalidade da Igreja na Amazônia! Mas, respeitando a autonomia da caminhada eclesial na região, a Igreja na Amazônia precisa de uma colaboração sistemática, constante e permanente, e da solidariedade da Igreja toda, no Brasil e no mundo, para poder cumprir sua missão evangelizadora e ação pastoral e sustentar seus projetos de formação de seminaristas e de agentes de pastoral... Chegou a hora de uma grande ação solidária de toda a Igreja no Brasil e no mundo para a evangelização e a defesa da vida na Amazônia.

- É reconhecida a vitalidade da Igreja na Amazônia, mas silencia-se que esta em grande parte se deve ao ministério e testemunho presente e firme de religiosas e religiosos atuando nessas realidades. As religiosas estão lá, escondidas nos agentes de pastoral.

Ao retomar nas mãos o documento do *IV Encontro da Pastoral da Amazônia – CRISTO APONTA PARA A AMAZÔNIA (Povo VI)* –, detive minha leitura nas Linhas Prioritárias, e a cada Prioridade anotei a vivência que provocaram.

Diretrizes básicas

- As pequenas comunidades religiosas inseridas nas periferias da cidade e no interior dos estados, comprometidas com a vida e luta do povo, viveram plenamente as diretrizes básicas: *Encíclica do papa Paulo VI* e *Evangelizar é libertar*.

Prioridades

- *Formação de agentes de pastoral*
 - Criaram-se dois Institutos: o IPAR, em Belém, e o CENESC, em Manaus. Ambos tiveram na sua direção, no corpo docente e na assessoria religiosas e religiosos, ou seria dizer que esses Institutos tiveram condição de funcionar pela liberação que as Congregações fizeram de seus membros qualificados(as). Foram implantados nos Regionais os cursos de Filosofia e Teologia para formação dos futuros pastores para a Amazônia, cursos de formação de agentes de pastoral, entre os quais lembramos: curso de Teologia Pastoral (Manaus e Belém); o CITEP (parceria entre CRB e IPAR); curso para a Amazônia (Manaus e Belém); e a variedade de cursos realizados nas paróquias e Prelazias que sustentaram a caminhada das CEBs e o compromisso social, sindical e político.
 - É interessante notar que as normas indicativas para formação de agentes de pastoral destinam-se:
 - 1) aos sacerdotes ministeriais;
 - 2) aos religiosos e religiosas;
 - 3) às lideranças leigas.

- Vale ressaltar, nesse sentido, todo o esforço e energias que a CRB da região despendeu, em conjunto e individualmente, para formação na Vida Religiosa, em todos os níveis.
- *Comunidade das Cristãs de Brasília*
 - A fundação, o crescimento e a perseverança das CEBs, das comunidades ribeirinhas e nos interiores, foram e são sustentadas e animadas, ainda hoje, pela presença e resistência de muitas Irmãs. Nasceu em Manaus a experiência bonita intercongregacional da Equipe Itinerante. Quando a Diocese de Roraima lançou um SOS de solidariedade, comunidades religiosas responderam, com generosidade, para viver a missão na cidade, no campo e entre os indígenas. Não pode ser esquecido o Projeto de comunidades intercongregacional da CRB Nacional.
- *Pastoral Indígena*
 - Há presença de Irmãs entre os povos indígenas e na própria organização do CIMI.
- *Estrutura e outras frentes pioneiras*
 - A Vida Religiosa somou força nos movimentos populares, na luta para libertar o sindicato das mãos dos pelegos, no grito dos excluídos, com os presos do Araguaia e na prisão dos dois padres franceses e treze posseiros, testemunho belíssimo de protesto, enfrentamento com a polícia, vigílias de oração, presença infindável misturando-se ao povo no compromisso por vida digna.
 - A CRB entrou na luta contra a venda de armamentos, está presente na *Cáritas* CPT, Pastoral do Menor, Pastoral da Criança, Comitê Dorothy, Grito pela Vida, e muitas e muitas realidades que as(os) religiosas(os) presentes no *Encontro da Água* recordaram.

O terceiro documento foi *Reflexão – 40 ANOS DO DOCUMENTO DE SANTARÉM*.

Ao sair do traçado histórico e entrando mais na reflexão, encontramos referências mais diretas à Vida Religiosa.

Ao apontar os *Efeitos* que o *Documento de Santarém* produziu, encontramos estas menções:

Durante 25 anos a Igreja amazônica seguiu as orientações do chamado *Documento de Santarém*. Não se pode negar seu efeito. As mudanças foram notórias. Em termos concretos a fundação do CENESC, em Manaus, e do IPAR, em Belém, e todo o processo formativo dos novos agentes de pastoral... para atender aos novos desafios, tarefa essa que proporcionou, sobretudo, uma melhor qualificação de leigos e leigas que assumiram a animação das CEBs e setores pastorais, CIMI e CPT, o projeto Igrejas-Irmãs, a pastoral das estradas [...] Uma Igreja mais solidária, caminhando com o povo mais sofrido, especialmente índios e agricultores abandonados à própria sorte. A demonstração disso está nos fatos: bispos, padres, agentes pastorais, *Religiosos e Religiosas* fazem de seu trabalho pastoral-evangelizador anúncio da Boa-Nova aos pobres de verdade e denúncia das más condições de vida destes.

Ao mencionar as consequências que esse compromisso trouxe, o texto apresenta uma longa lista de nomes:

[...] rede de perseguição à Igreja, que ia desde a difamação e descrédito, prisões, inquéritos e até mesmo à morte de pessoas envolvidas com os pobres e oprimidos. Alguns casos mais conhecidos: a expulsão do Pe. James Murray (Santarém), dos Padres Aloisio Neno, Diomar Lopes e Moisés Lindoso (Belém), casos perdidos, que envolveram Pe. Florentino Maboni, D. Estêvão Avelar (Conceição do Araguaia) e D. Alano Pena (Marabá), o caso da prisão dos 13 posseiros e dos Padres Camiou e Goriou (1981). A luta pela terra e a preservação da Amazônia também conheceu seus mártires: O Gringo, Mearim, Avelino, Piau, João Eduardo, Chico Mendes... Padres Josimo e Ezequiel Ramin, Ir. Adelaide e Ir. Creuza Coelho, que se juntam a fatos recentes para demonstrar que o sistema político-econômico

para a Amazônia continua o mesmo: Corumbiara, Eldorado de Carajás, Chico Mendes, Ir. Dorothy...

Através destes nomes, resgatar a história e a presença da Vida Religiosa que está por trás: Irmã Creuza, Irmã Adelaide, Irmã Dorothy, Padre Ezequiel, suas comunidades, suas Irmãs e Irmãos comprometidos.

O escrito continua, agora marcando a presença da Vida Religiosa. Vamos contemplar:

Muitos destes acontecimentos revelam que a Igreja mudou e essas mudanças atingiram também outros âmbitos, exemplo, a Vida Religiosa, que evidenciou uma mudança de mentalidade e muito contribuiu para a renovação da Igreja: a perda dos privilégios, a re-exão sobre o profetismo, a prática da inserção nos meios populares, o processo formativo especialmente bíblico, uma espiritualidade mais encarnada... o que levou religiosas e religiosos a pensarem na missão, mais como parte da natureza de sua vocação do que propriamente a servir um carisma particular...

Ao apontar para *Des fôos sempre presentes*, o próprio texto indica questões que precisam ser re- etidas e recriadas:

[...] Os religiosos, e, sobretudo, as religiosas que, às vezes, são consideradas mão de obra barata na pastoral. Como entender esta e outras queixas dentro dos mecanismos que sustentam as Igrejas Locais? [...] Diz um religioso que na Amazônia a evangelização tem sotaque e a Vida Religiosa também. Qual é a visão missionária dos Institutos religiosos antigos e recentes quanto à sua presença na Amazônia? Que poder de decisão têm essas instituições quando se trata de resolver questões locais, especificamente regionais?

O *Documento* conclui: “Caminhando...”, e interroga:

Não seria hora de perguntar ao povo algumas coisas? Como o próprio povo vê a questão da inculturação? Qual é a cultura dos que evangelizam? Não só dos agentes missionários, não só regional e racial, mas a cultura da Congregação, a cultura da

Igreja (cultura do livro, da norma, da lei, dos dogmas, da mística do serviço/sacrifício, do valor da organização/administração, da luta por um mundo melhor baseado na fraternidade...). Como o povo vê isso? O nosso significado é o mesmo que o povo dá? Os nossos signos serão os mesmos? [...] Precisamos estar atentos aos sinais que as pessoas emitem, o povo nos revela, sinais verbais, simbólicos, plenos de significados e premissas de anseios de algo novo. Só uma evangelização – BOA NOTÍCIA – dialógica e integradora da vida do povo e no Projeto de Jesus Cristo – e vice-versa – será resposta de esperança e de alegria para nossa Igreja e nossa gente amazônica.

- Tais interrogações, esse perguntar ao povo sobre nossa presença e atuação ajudaria muito a Vida Religiosa a rever-se, avaliar, enveredar por caminhos novos, recuperar o ardor da inserção.

Concluindo sem concluir, olhando o passado para animar o presente em vista ao futuro.

O passado da Vida Religiosa feminina e masculina na Amazônia tem a cor da profecia e fidelidade a Jesus de Nazaré. É também uma cor matizada de luzes e sombras, de avanços e recuos, de ousadia e acomodações, de submissão à hierarquia e de desobediência evangélica.

O presente vem carregado de interrogações e colorido pela crise que a Vida Religiosa está vivendo. Voltar a beber da fonte de seu núcleo identitário original e totalizante que nos vem de Jesus de Nazaré ou preocupada com suas estruturas, tentada a acomodar-se aos ventos que sopram, vindos da Pós-Modernidade e de um projeto de Igreja, com colorido de cristandade, massivo e devocional.

O futuro depende da opção evangélica que ousaremos fazer diante desse impasse.

Celebrar quarenta anos do Documento de São Teófilo é viver um tempo de graça. É tempo oportuno que nos convida, como Igreja e Vida Religiosa na Amazônia, a rever o caminho feito e perceber onde desviamos. É tempo oferecido para recriar a fidelidade a Jesus de Nazaré e com ele recriar a fidelidade ao povo sofrido e à *oikos-cósmica* tão agredida.

Reconheço nesta re-exão algo muito pessoal. Igualmente reconheço suas generalizações e, talvez, até algumas supercualidades.

Com o à Divina Ru h-nossos caminhos, pedindo-lhe a capacidade de tornar-nos transgressoras, como o foram as Madres e os Padres do Deserto, que ousaram afastar-se dos centros de poder para recuperar a radicalidade que testemunha que é possível seguir Jesus de Nazaré, num estilo de vida simples, com poucos meios.

Que a Divina Ru h-nos ilumine e nos ajude a compreender este momento que vivemos, sentindo, às vezes, como humilhação, pois nossa visibilidade é questionada, desafiada, provocada. Seja a humilhação dos t p-inos, seja dos p-pim, que oferecem sua humilhação para que o Deus (a Deusa) Todo-Amoroso(a) eleve a Vida.

Coloco nossa presença na Amazônia sob esta bênção:

A Divin Ruah estej -o-nosso l do p r-tos comp m r

A Divin Ruah estej -a-noss frente p r-tos gui r

A Divin Ruah estej -trás de nós p r-tos proteger

A Divin Ruah estej -sobre nós p r-tos ilumin r

A Divin Ruah estej -em nós p r-sémos repletos do seu mfor

E sm difundir e testemunh r Amor.

Amém!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que reações o título deste artigo suscitou em você e na sua comunidade religiosa?
2. Aos critérios sugeridos você acrescentaria outros? Quais seriam?
3. Faça memória da presença da Vida Religiosa Apostólica na sua região e pergunte-se de que forma ela contribuiu na caminhada da Igreja local.

MECTILDES VILAÇA CASTRO, OSB*

* **Mectildes**

Vilaça Castro é religiosa da Ordem de São Bento, abadessa emérita do Mosteiro de Nossa Senhora do Monte, Olinda-PE, do qual foi fundadora (1963). É formada em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Belo Horizonte e em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Diretora espiritual e pregadora de retiros. **Endereço da autora:** Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, Rua do Mosteiro, 138, Vila Paris, CEP 30.380-780, Belo Horizonte-MG. **E-mail:** ir.mecvilaca@hotmail.com.

Falar de mística é algo muito complexo, se quisermos abordar sua história, suas dimensões e os vários sentidos nos quais essa palavra foi assumida no decorrer dos tempos, tanto em contextos profanos como na perspectiva da espiritualidade cristã que nos interessa.

Procurada na revelação bíblica, constatamos que a Sagrada Escritura ignora esse vocábulo, mas a segunda constatação é a de que essa realidade ali existe profusamente. Então, re etir sobre *místic* exige, antes de tudo, o esclarecimento do sentido que a palavra *místic* possui, palavra que, desconhecida da Escritura, foi introduzida na literatura cristã pelos Padres da Igreja de Alexandria, que a tomaram do platonismo do século III.

O *C rctismo d Igreja C tlic* (cf. n. 2014) diz que a mística cristã consiste no progresso espiritual que tende a uma união sempre mais íntima com Cristo, através dos *s rros mistérios* de Cristo e, nele, da Santíssima Trindade. E que Deus nos chama a todos a essa íntima união com ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida somente a alguns sejam concedidos. E o Vaticano II isso con rma dizendo que “a razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus” (GS, n. 19).

Falar de mística leva-nos, pois, à palavra *MISTÉRIO*, que é a tradução das palavras grega e latina *mysterion* e *mysterium*,

no sentido cristão, no decorrer dos tempos passou por vários significados.

São Paulo usa a palavra “mistério” vinte vezes, referindo-se a *Cristo, morto e ressuscitado*. Ao terminar a Carta aos Romanos, fala do mistério da salvação, “encoberto desde os tempos eternos, mas agora manifestado pelos escritos dos profetas, por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todas as nações, para que elas obedeam à fé” (cf. 16,25-26).

No século III, segundo Clemente e Orígenes, *mystikos* designou o sentido profundo das Escrituras, acessível somente à fé.

Outro sentido dado a essa palavra é a profunda realidade dos sacramentos, que é ao mesmo tempo velada e revelada. Os Santos Padres chamaram os sacramentos de *mistérios*. Daí passarmos a falar em *mistérios litúrgicos*.

“Ao comunicar seu Espírito, Jesus fez de seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes de seu próprio Corpo, que é a Igreja” (cf. *LG*, n. 7), o *Corpo Místico de Cristo*, simultaneamente visível e espiritual.

No século IV, São Gregório de Nissa dirá que *mística* é a plenitude pessoal apreensão, pelo cristão, consciente da gratuidade de Deus, quanto ao que é anunciado pela Palavra Divina e dado pelos sacramentos. Mística passa a ser considerada como a plenitude do *homem novo*, da vida nova, vida divina comunicada em Cristo morto e ressuscitado. Em suma, trata-se de um único *mistério*, de Cristo, presente nas Escrituras, celebrado nos sacramentos da Igreja e manifesto na vida de cada cristão.

Falamos de *vida mística cristã*, uma vez que a experiência mística está presente também nas religiões pré-cristãs e, mais perto de nós, no Judaísmo: na Lei, nos profetas e nos salmos. Lembro-me da bela expressão de São Jerônimo: “O Antigo Testamento está grávido de Cristo”. Ouso dizer que a mística judaica está também grávida da mística cristã.

É vida de santidade, a respeito da qual Dom Jean Leclercq, em seu livro *São Bernardo místico*, esclarece um ponto importante ao nosso tema:

Os santos são inumeráveis, e diversos: Deus vive em todos, mas cada um não pode manifestar, para nós, todos os aspectos do mistério divino no homem. Considerar um santo como tipo exclusivo da santidade católica seria demonstrar que não se compreendeu as dimensões da caridade de Cristo. Há santos que se revelam como tais nas condições ordinárias da vida humana: eles possuem graças invisíveis e dons espirituais extremamente elevados, mas não constituem exceção quanto às leis que regem a natureza. Há outros, ao contrário, aos quais o Senhor se compraz em gratificar com dons extraordinários, com carismas maravilhosos: eles predizem o futuro, leem os corações, dominam os elementos, curam doentes, fazem toda sorte de milagres.

Podemos perguntar: como se desenvolveu essa experiência mística, experiência de fé, no Cristianismo? Foi a partir de Pentecostes, uma vez que Jesus Cristo não mais se fazia presente em sua natureza humana quando enviou o Espírito Santo prometido: “Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça sempre o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco e está em vós” (cf. Jo 14,15-17).

Toda a vida da Igreja é uma *vid* *mística*, pois ela não só vive do *mistério* de Cristo, mas sob a ação do Espírito Santo o torna presente em sua *liturgi*, na oração particular de cada um e mesmo nas diversas *devoções* – ao Santíssimo Sacramento, à Paixão do Senhor, ao Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora e aos Santos.

Nesta Igreja, CORPO MÍSTICO DE CRISTO, somos inseridos desde o nosso batismo. Ao longo de sua história, essa *vid* *escondida* *em Cristo* manifestou-se no testemunho dos apóstolos, dos mártires, dos confessores da fé, das virgens, nos desertos, nas cidades, na vida de cidadãos comuns, na vida monástica em suas origens e em sua ulterior evolução, nas diversas formas de Vida Consagrada. Realidade que encontramos nas Escrituras, nos escritos dos Padres da Igreja, nos apotegmas dos Santos Anciãos, nas vidas dos santos, nas diversas Regras da Vida Religiosa, também como

objeto da teologia. Sem dúvida, foi o monaquismo, primeira forma de vida cenobítica, que assegurou a objetividade da mística cristã na Vida Religiosa em sua experiência ulterior, por nunca ter se afastado da celebração litúrgica dos mistérios cristãos e da meditação das Escrituras, como base de sua espiritualidade. Certamente guardando o silêncio e a solidão reconhecidos, mesmo fora do Cristianismo, como meios essenciais à experiência de Deus. E essa experiência de Deus, antes de ser conhecimento de uma doutrina, antes de ser empenho moral, é uma história que se realiza, ao longo dos tempos, na vida pessoal e na vida da comunidade eclesial.

Por que essa união tão profunda com Deus é possível ao ser humano? Foi a mística do Oriente cristão que procurou suas raízes diretamente na antropologia bíblica, e mais precisamente nos versículos da Sagrada Escritura referentes à criação do homem, feito *à imagem e semelhança de Deus*. Deus assim o criou intimamente cristiforme, a fim de estabelecer com ele um laço ontológico estreito, mediante a figura de Cristo, único rosto visível do Pai: “Quem me vê, vê aquele que me enviou” (Jo 12,45).

Comenta São Gregório de Nissa, considerado o pai da mística:

Era necessário que uma afinidade com o divino estivesse inscrita na natureza humana, para que, mediante essa correspondência, o homem tivesse em si o que o movesse para o que lhe é mais a si, o gozo dos bens divinos. Devia, pois, ter alguma afinidade com o Ser do qual participava, que tivesse em si, e para si, o princípio da eternidade e, em razão dessa força inata que lhe fora dada, pudesse conhecer o transcendente, desejando a eternidade divina (*O Homem*, 56).

O pecado original de Adão e Eva tornou essa possibilidade como que coberta com o limo das paixões humanas. Apesar de eles terem se escondido, despidos da glória que lhes fora dada, o homem e a mulher jamais perderam a tensão escatológica própria de sua natureza. Jesus Cristo, a

partir de sua encarnação, morte e ressurreição, restaurou no coração do homem a imagem divina deturpada pelo pecado, motivo pelo qual todo cristão, a partir de seu batismo, assume a face de Cristo, torna-se teofania, ou seja, ícone da divindade, capaz de uma vida mística, de santidade.

Na sua essência, o estado místico consiste em uma vibração espiritual que, transcendendo o meramente conceitual, leva à experiência do divino pelo conhecimento do amor. Assim, o divino penetra no íntimo da alma, transforma a personalidade em seus modos de pensar, de agir, de sentir. Mas, para chegar à união transformante, de conversão em conversão, o místico deve enfrentar a via da ascese, combate por vezes rude, só possível com a graça de Deus e séria vida de oração.

Aliás, os Pais do Deserto, seguindo Plotino, já viam essa conversão interior em três etapas: a purificação, a iluminação, a união. O ponto de partida é sempre a FÉ, virtude prática através da qual o cristão se conscientiza de que *não deve viver por si mesmo* (Regras de São Bento, n. 72,11) e, com ele e nele, chegar à plenitude de sua vocação. A fé, de fato, dá a certeza da salvação e da parusia, mantendo viva a tensão escatológica para o Reino de Deus.

Voltemos à *Vida Consagrada*. Se a experiência mística não é privilégio de nossa vida, podemos dizer que, mais do que qualquer cristão, somos positivamente orientados para essa experiência de Deus. Somos chamados a excluir, por nossos votos, os intermediários comuns a todos os homens, como o da *vontade própria* e o da castidade, a fim de tendermos só para ele. Isso implica uma perspectiva eclesial, MISSÃO para a salvação do mundo, pois não é uma simples renúncia a uma tarefa ou a determinados bens em vista apenas de nossa própria santificação.

É Missão que abraça a responsabilidade do pecado universal, que faz seu *lamento de Adão*, como escreveu Silvan de Monte Athos em seu poema. Não que nos separe das pessoas, mas, fazendo-nos descer também às profundezas de nosso nada, leva-nos a nos sentir, realmente, como pecadores.

A mística é una ou é múltipla? Não há unidade de experiência mística, é algo muito pessoal, pois cada homem se realiza pessoalmente em relação a Deus. *Como luz p ss. nlo por um prism de crist t se divide n s'vári s'tores do rbo-íris, s' sim t mbém gr s' divin ,comunic nlo-se às pesso s'le divers s' c m' d's'cultur is; de diversos temper nmentos e contextos, se divide em um experiênci múltipl s'.*

Estamos aqui entre pessoas *cons gr d's'.* Uma única e múltipla experiência de busca de Deus, a partir do batismo e também dos diversos carismas particulares, pois “a cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos” (1Cor 12,7). Seguindo os passos de Cristo, tendo como mestres nossos fundadores e como guias nossos superiores, nossa tradição tem sido guardada e atualizada especialmente a partir do Vaticano II. Constitui para nós um desa o testemunhar em nossa época, *Modern ou Pós-Modern ,sem a perda de nosso carisma fundacional.*

Aqui nos encontramos – carmelitas, franciscanos, clarissas, visitandinas, concepcionistas, redentoristas, sacramentinas, passionistas, Irmãs de Sion, beneditinas e beneditinos, camaldulenses, trapistas, cistercienses, premonstratenses –, precedidos, desde os inícios da Igreja, pelos santos, Antão, Pacômio, Basílio, Agostinho, Bento de Núrsia, Norberto Gennep, Romualdo de Camaldoli, abades Clunyasenses, Bernardo de Claraval, Francisco e Clara de Assis, Domingos de Gusmão, Tomás de Aquino, Beato Eymar, Teresa de Ávila, João da Cruz, Beatriz da Silva, Afonso Ligório, Francisco de Sales e Joana de Chantal, Paulo da Cruz e Theodoro Ratisbonne, o grande convertido do Judaísmo. E por que não lembrar outras mulheres, como Escolástica, Mectildes, Gertrudes, Hildegarda de Bingen, Catarina de Sena, Margarida Alacoque, Teresa de Lisieux e, mais perto de nós, Edith Stein?

Como peregrinos, na amplidão deste mundo como nunca conhecido, cabe-nos dar testemunho da vida à qual fomos chamados(as), separados(as) para uma missão, a começar de uma vivência pessoal de busca de santidade em uma

comunidade concreta, celebrando os mistérios divinos na Eucaristia diária e nas diversas *hor* canônicas.

Comunidade, como *Spons Christi*, na celebração dos santos mistérios, buscando, na leitura orante da *lectio divina* diante do Santíssimo Sacramento, o próprio Deus como princípio e norma de vida, com a graça do Espírito Santo.

Comunidade que amamos, mas nada romântica, lugar da *conversatio* em nosso dia a dia. Um antigo abade chegou a dizer: “Vita communis maxima poenitentia est”, o que me assustou, quando noviça. Mas o tempo foi me mostrando o outro lado da moeda: “Oh! como é bom, como é agradável os irmãos morarem juntos!” (Sl 133,1).

Em nossas comunidades, como nos disse Thomas Merton, referindo-se aos mosteiros, encontramos Marta, Maria e Lázaro. Podemos dizer: cada contemplativo a seu modo: Marta, servindo; Maria, aos pés de Jesus; Lázaro sofredor, aguardando o dia do grande Encontro.

A *vida mística*, por ser uma atitude existencial, uma certa maneira de ser e viver em profundidade, supõe a contemplação e a missão. Carregando as angústias de nosso tempo – cujas características são muito próprias, angústias que nos aigem e a tantos de nossos irmãos, para não dizer a toda a humanidade –, coloquemo-nos a serviço deste *mistério de Deus* sempre operante, por uma vida de oração suplicante, de *misterios fecundid*.

Se somos segregados(as), separados(as) para uma missão, o somos *para* a salvação do mundo pelo qual o Pai entregou seu Filho muito amado. Este mundo, mesmo que o negue, tem *sede do Deus vivo*, o único a dar uma resposta em face das calamidades de todos os tempos.

Que lhe poderemos oferecer em nossa vida monástica e *contemplativa*? Em primeiro lugar, um *testemunho* de pessoas que tudo deixaram pelo Reino de Deus, certas de que nossa cidadania está nos céus. Esse testemunho admirado por muitos a muitos outros incomoda, interroga, mesmo que não o digam. Em segundo lugar, aos que batem à nossa porta, cabe-nos dar aos mais pobres a ajuda de que necessitam.

E a todos um ambiente de silêncio, de paz, de oração, de hospitalidade. Também uma palavra de vida, de consolo, de orientação, pois nosso tempo levanta problemas que não eram comuns no passado. Pede-nos, dentro de nossas possibilidades, atualização quanto ao conhecimento da realidade, mas também uma visão eclesial, bíblica e teológica.

O mundo precisa de apóstolos, missionários, santos, mas, se não houver quem peça ao Senhor da messe, quem os descobrirá? A monja que se entrega à oração é como a chuva que rega a seara do Senhor.

Unidos na contemplação das realidades eternas e da beleza do mundo por Deus criado, celebrando a liturgia, que tem a arte de reunir textos dispersos ao longo da Bíblia, permitindo-nos saborear o mistério de Cristo no decorrer do ano litúrgico, apontemos a todos o Caminho, a Verdade e a Vida.

Que nossos santos e especialmente nossa Mãe Aparecida, a mística por excelência, cujas festas celebramos com devoção, nos ajudem em nossa missão e caminhada para o Pai. Amém!

Bibliografia

BARSOTTI, Divo. *Monasticismo e misticismo*. Juiz de Fora: Ed. Subiaco.

BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. v. I: “Consagra-os na verdade”.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>.

DICIONÁRIO DE MÍSTICA. São Paulo: Loyola.

L'HERMITTE, Jean. *Mystiques et formes mystiques*. Blond & Gay.

LECLERCQ, Jean. *Bernardo místico*.

MOSTEIRO MÃE DE CRISTO. *Reflexões sobre misticismo cristão*.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Lendo o presente artigo, como você se sente em relação à vida mística?
2. A História da Salvação é espelho e caminho para sua missão e vida espiritual? Como?
3. Em sua vida contemplativa e apostólica, que lugar ocupa a celebração dos mistérios litúrgicos?